

INCLUI DVD COM A SÉRIE COMPLETA



EDUCAÇÃO.DOC

REGISTROS DA SÉRIE DE DOCUMENTÁRIOS *EDUCAÇÃO.DOC*
SOBRE EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE DIRIGIDA
POR LUIZ BOLOGNESI E CODIRIGIDA POR LAÍS BODANZKY

 MODERNA

 BURITI FILMES

EDUCAÇÃO.DOC

EDUCAÇÃO.DOC

REGISTROS DA SÉRIE DE DOCUMENTÁRIOS *EDUCAÇÃO.DOC*
SOBRE EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE DIRIGIDA
POR LUIZ BOLOGNESI E CODIRIGIDA POR LAÍS BODANZKY



Educação.doc – Registros da série de documentários Educação.doc sobre Educação pública de qualidade dirigida por Luiz Bolognesi e codirigida por Laís Bodanzky

© 2014 Fundação Santillana

PRODUÇÃO EDITORIAL

Editora Moderna

DIRETORIA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Luciano Monteiro

Edmar Cesar Falleiros Diogo

COORDENAÇÃO DA PRODUÇÃO EDITORIAL E EDIÇÃO

Ana Luisa Astiz

APRESENTAÇÃO

Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi

TEXTO

Sibelle Pedral

REVISÃO

Bia Mendes e Marcia Menin

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Paula Astiz

IMAGENS

Carlos Baliú / Buriti Filmes (créditos adicionais: ver p. 139)

TRATAMENTO DE IMAGENS

Fabio N. Precendo / Editora Moderna

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pedral, Sibelle

Educação.doc : registros da série de documentários educação.doc sobre educação pública de qualidade dirigida por Luiz Bolognesi e codirigida por Laís Bodanzky / texto Sibelle Pedral [apresentação de Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi]. — 1. ed. — São Paulo : Moderna : Buriti Filmes, 2014.

"Inclui DVD com a série de documentários Educação.doc".

1. Comunidade e escola 2. Educação - Brasil 3. Educação - Finalidades e objetivos 4. Educação - Qualidade 5. Escolas públicas - Brasil 6. Pedagogia 7. Política educacional 8. Qualidade do ensino I. Bolognesi, Luiz. II. Bodanzky, Laís. III. Título.

14-05218

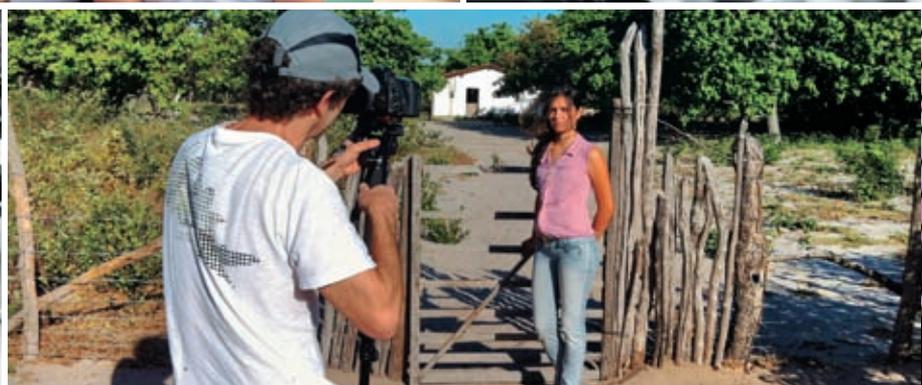
CDD-370.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : registros da série de documentários educação.doc sobre educação pública de qualidade dirigida por Luiz Bolognesi e codirigida por Laís Bodanzky : Educação 370.981

Educação.doc – Registros da série de documentários Educação.doc sobre Educação pública de qualidade dirigida por Luiz Bolognesi e codirigida por Laís Bodanzky é uma publicação composta pelo livro impresso e pelo DVD *Educação.doc*, parte integrante da obra. Não pode ser distribuído separadamente.

6	Apresentação
10	Como nasce uma escola pública de qualidade
24	Comunidades que se envolvem e educam
60	Gestores comprometidos que inspiram
88	Professores cativantes que motivam
118	Como será a escola do futuro que sonhamos?
130	Uma jornada de desafio e encantamento



Não acreditamos que existe alguém capaz de mudar o Brasil. Mas achamos que há um lugar que pode fazer isso: a escola. Ela é uma usina de transformação, um verdadeiro útero social, em que crianças e jovens na idade da descoberta se encontram diariamente com seus professores e juntos contam com a oportunidade de passar o mundo a limpo. Têm um encontro marcado com o aprendizado e a descoberta. Podem refletir, questionar, investigar, trocar experiências e construir valores. E, para isso acontecer, basta garantir alguns poucos princípios. Que seja prazeroso, libertário e instigante. Que se promova o pensamento crítico e caiba a divergência. Que vigorem o compromisso e o acolhimento. Que se volte não apenas para uns, mas para todos: alunos, professores, funcionários, gestores e pais. Como definiu uma diretora entrevistada, a fórmula é amor e rigor. Tendo isso, tudo o mais é secundário.

Mas, na prática, é possível termos uma escola pública de qualidade? Iniciamos uma longa investigação para tentar responder a essa pergunta.



Depois de identificarmos algumas escolas saudáveis em áreas de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), fomos visitá-las para perguntar como, nas mesmas condições que as demais escolas do País, elas conseguem ser um lugar efetivamente transformador. “Qual é a mágica?”, perguntamos a todas. As respostas estão nos documentários aqui encartados e nas páginas deste livro.

Conversamos também com pensadores de várias áreas, educadores e artistas que estudaram em escolas públicas. Eles nos ajudaram a refletir sobre o que há de mais importante na escola e o que não se pode esquecer de garantir. As reflexões se misturam sem hierarquia, formando uma paisagem exuberante que nos permite perceber que a escola de qualidade já existe. Temos de lutar para que, em vez de exceção, ela seja a regra.

Cenas de uma jornada de 12 mil quilômetros. A partir do alto, à esquerda, em sentido horário: Laís Bodanzky em Foz do Iguaçu; Luiz Bolognesi em São Paulo e Ibitiara; captação de depoimentos em São Paulo e Cocal dos Alves; os cineastas em entrevista com a atriz Camila Pitanga; e o diretor de fotografia, Carlos Baliú

Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi



Como nasce uma escola pública de qualidade

A Educação pública é um espelho dos erros e acertos de uma sociedade, do acolhimento ou da agressividade das instituições de um país. Nos últimos 20 anos, o Brasil percorreu um longo caminho nesse setor tão nevrálgico para o desenvolvimento social e econômico: universalizou o acesso à escola, elaborou Parâmetros Curriculares Nacionais, definiu uma fatia do PIB (Produto Interno Bruto) a ser destinada à Educação, passou a investir na formação de professores e de gestores, criou um indicador, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), para medir o aprendizado. No entanto, se é verdade que houve grandes avanços, os problemas são ainda maiores. Sétima economia do planeta, o Brasil patina na qualidade de seu ensino.

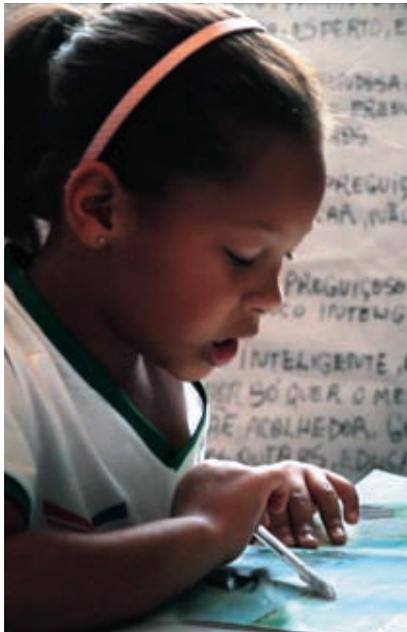
Na principal prova internacional a avaliar conhecimentos de leitura, matemática e ciências, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, aplicado a jovens de 15 anos pela OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), estamos quase na lanterna: entre os 65 países que aplicam a avaliação a seus estudantes, o Brasil ocupa a 55ª posição no *ranking* de leitura (sinal de que os alunos não sabem decodificar as informações de um texto), a 58ª no de matemática e a 59ª no de ciências, ficando à frente, nas três categorias,

Na página anterior,
Francisco Jefferson Lira
Gomes, aluno do CAIC
(Centro de Atenção
Integral à Criança)
Raimundo Pimentel
Gomes, em Sobral, Ceará.
Na próxima página,
Ginásio Experimental
Carioca Eptácio Pessoa,
em Andaraí, Rio de Janeiro



apenas de Tunísia, Indonésia, Catar, Peru e Colômbia. Professores mal formados, mal pagos, desmotivados e desamparados do ponto de vista pedagógico pouco ensinam a alunos desinteressados, para quem Educação não é um valor, ética é uma palavra vazia e os apelos da sociedade de consumo falam mais alto. Ensinar – tarefa básica da escola, cumprida por países desenvolvidos há mais de um século – ainda é uma luta perdida para a maioria das instituições públicas brasileiras. Dos mais de 40 milhões de alunos que ingressam na Educação Básica na rede pública, metade se perde pelo caminho, descarrilamento que se acentua no segundo ciclo do Ensino Fundamental e se acelera no Ensino Médio. Dos que concluem o Ensino Médio, apenas 25% têm proficiência em língua portuguesa e 10% em matemática, segundo o movimento Todos Pela Educação.

**Escola Municipal
de Caibongó,
em Ibitiara, Bahia**



BOAS PRÁTICAS

Exibida entre março e maio de 2014, em seis episódios no programa *Fantástico*, da Rede Globo, e em cinco no canal por assinatura Globo-News, a série *Educação.doc* jogou novas luzes sobre a questão. Em vez de concentrar-se nos incontáveis problemas do ensino público, os cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi viajaram pelo Brasil em busca de experiências bem-sucedidas, com potencial para abrir caminhos e inspirar outras escolas, mas sem a pretensão de construir modelos. Trata-se de um projeto da dupla que se notabilizou por filmes reconhecidos, como *Bicho de Sete Cabeças* (2001), *As Melhores Coisas do Mundo* (2010) e *Uma História de Amor e Fúria* (2013).

O filme *As Melhores Coisas do Mundo* tem uma conexão direta com o documentário *Educação.doc*: para mergulhar nos dilemas e descobertas dos adolescentes de um colégio privado em São Paulo, os cineastas entrevistaram grupos de alunos em várias escolas da rede particular, mapeando seus dramas e a melhor forma de contá-los. “Eles nos pautaram”, observa Luiz Bolognesi, que assina o roteiro. A pesquisa que resultou em *As Melhores Coisas do Mundo* despertou neles o desejo de realizar uma contrapartida que apontasse os holofotes para os alunos do ensino público.

Educação já era um tema caro para Laís e Luiz desde que criaram, em 1996, o Cine Mambembe, que em 2004 deu origem ao projeto Cine Tela Brasil, sala de cinema itinerante que rodou o País exibindo filmes nacionais a cerca de 1,6 milhão de espectadores. A audiência era formada basicamente por alunos da escola pública. O sucesso da iniciativa, hoje nas mãos de educadores parceiros, foi tão grande que rendeu material didático para que os professores trabalhassem o conteúdo dos filmes em sala de aula, além de oficinas e debates.

A SÉRIE EDUCAÇÃO.DOC
BUSCOU EXPERIÊNCIAS
QUE PUDESSEM INSPIRAR
OUTRAS ESCOLAS

ALGUMAS FORAM ESCOLHIDAS POR SEU IDEB ALTO. OUTRAS NÃO SE DESTACAVAM POR ISSO, MAS TRABALHAVAM ÉTICA E VALORES EM PARALELO AO APRENDER

Ensino Médio
Augustinho Brandão,
em Cocal dos Alves, Piauí

Laís e Luiz contaram ainda com duas experiências pessoais marcantes para a decisão de realizar o projeto *Educação.doc*: o aprendizado com as duas filhas do casal, de 9 e 11 anos, sobre o papel da Educação na formação dos valores que nos acompanham pela vida afora e o fato de Luiz – ele próprio alfabetizado em escola pública, em Itu, interior de São Paulo – ter sido professor em Caraíva, pequena comunidade no litoral da Bahia. “Foi uma das experiências mais ricas da minha vida. Era uma sala multisseriada, com alunos de 6 a 14 anos. Muitos foram alfabetizados por mim, ainda que eu não tivesse o curso de pedagogia. Essa vivência me conectou com a importância da Educação e seu poder transformador sobre a comunidade.” Nas palavras de Laís, “todos os caminhos nos levaram a fazer o *Educação.doc*”.

O projeto consumiu quase um ano de trabalho, entre pesquisas, entrevistas, viagens e, finalmente, a montagem dos episódios do documentário. Começou com uma pergunta crucial: como escolher as escolas que seriam retratadas? Uma grande inspiração foi a série de reportagens sobre Educação pública de qualidade realizada pelo jornalista Antônio Gois e publicada em 2012 pelo diário carioca *O Globo*. Com o apoio da Fundação Lemann, o jornal identificou 82 escolas que, mesmo atendendo alunos que figuram entre os 25% mais pobres do País, conseguem oferecer uma Educação excelente, comparável à de alguns países desenvolvidos. Essas escolas haviam atingido média igual ou superior a 6 no Ideb, a mais importante avaliação federal de qualidade do ensino. Segundo o Ministério da Educação, é nota no patamar de nações desenvolvidas. Luiz conta que quiseram também avançar além da questão da avaliação. “Construímos a hipótese de que poderia haver escolas boas sem Ideb alto que trabalhassem ética e valores em paralelo à aprendizagem.”





CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) Raimundo Pimentel Gomes, em Sobral, Ceará

Dessa ideia nasceu uma ampla consulta a especialistas em Educação, muitos deles entrevistados para o documentário. A equipe chegou finalmente a oito escolas. Algumas de fato tinham Ideb muito alto, como foi o caso do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) Raimundo Pimentel Gomes, em Sobral, no interior do Ceará, que havia conquistado um honroso 8 em 2011 e sonhava com a nota 9 em 2013 (os resultados não tinham sido divulgados até o fechamento deste livro). Outras até haviam decaído do ponto de vista do índice, mas consagravam-se como exemplos de integração com impacto positivo na vida da comunidade onde se inseriam. Luiz relembra que em alguns lugares as condições eram realmente precárias. “As escolas eram muito pobres, abafadas, com falta de água e de estrutura, mas conversamos com alunos articulados, que acreditavam no poder da Educação para mudar o Brasil.”

De Cocal dos Alves, no Piauí, a Foz do Iguaçu, no Paraná, chamaram a atenção da equipe o brilho nos olhos dos professores e a confiança das famílias no trabalho da escola. “Qual a diferença de um colégio público desses para um colégio particular?”, pergunta Rute Maria Lechkiv, microempresária de Foz do Iguaçu e mãe de Reinaldo, aluno apaixonado pela escola – pública – onde estuda. Os cineastas também

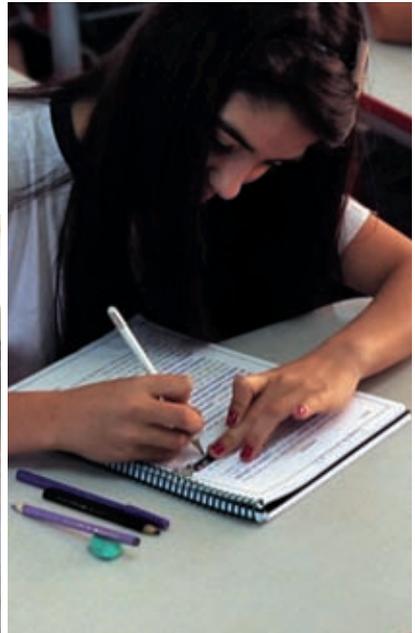


se impressionaram, é claro, com os estudantes encantados pela escola, como Lorena Rodrigues, 19 anos, que trocou uma instituição particular pelo Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, na zona oeste do Rio de Janeiro. “Meu avô conhecia a diretora e insistiu para eu vir para cá. Logo na primeira semana, pensei: ‘Não quero mais sair daqui. Adoro esta escola!’ Os colegas põem a gente para a frente. Tem cultura, teatro, dança, projetos diferentes. Gente que chora e gente que consola.”

**Colégio Estadual
Monsenhor Miguel de
Santa Maria Mochón,
em Padre Miguel,
Rio de Janeiro**

NÃO POR ACASO

Em cada uma das escolas visitadas, a equipe do *Educação.doc* observou uma conjunção de situações que favorecem e impulsionam não apenas o aprendizado, mas a cidadania e a construção de valores éticos. Todas têm em comum laços fortes com a comunidade, que participa ativamente da vida escolar – e não apenas por meio de programas de fim de semana: são pais que olham os cadernos de seus filhos, ajudam os gestores nas decisões, fiscalizam gastos, voluntariam-se para ajudar



em sala de aula nos campos em que são especialistas. Em áreas conflagradas, como a comunidade de Heliópolis, em São Paulo, dominada pelo tráfico de drogas, o entorno valida a própria existência da escola, que é respeitada pelos chefões. Uma comunidade atuante também contribui para assegurar a continuidade das boas práticas de ensino, que, no Brasil, infelizmente ainda estão muito sujeitas às intempéries da política. A forma como cada uma dessas escolas teceu seus vínculos com a comunidade e cuida para que se fortaleçam é tema do capítulo “Comunidades que se envolvem e educam”.

Outro denominador comum é a presença de um gestor forte, apaixonado e obstinado em fazer com que seus alunos aprendam – “dando linha na pipa” para que os professores criem, como faz a vibrante diretora Ana Paula Freitas Rodrigues, do Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón; sonhando com uma escola melhor, como Marly Lemos Cardoso, do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, em Andaraí, Rio de Janeiro; ou mediando conflitos de forte tensão psicológica, como Leda Márcia Dias Dal’Lin, diretora da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, em Foz do Iguaçu, e Braz Nogueira, da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, em Heliópolis. São gestores que fazem a diferença nas escolas onde trabalham, conscientes de que seu mandato deve continuar a serviço da qualidade do ensino e que bons projetos, quando em curso, não podem ser interrompidos. Sob sua batuta inspiradora, professores conseguem dar o melhor de si e alunos superam suas dificuldades estudando com rigor e entusiasmo. O papel do gestor na edificação de uma escola pública de qualidade é o tema do capítulo “Gestores comprometidos que inspiram”.

Mas a grande e silenciosa transformação acontece em sala de aula, onde os alunos *realmente* aprendem e começa a ser paga a enorme dí-

BOAS ESCOLAS PÚBLICAS TÊM PRESEÇA DA COMUNIDADE, GESTORES APAIXONADOS E PROFESSORES DEVOTADOS

Escola Municipal
Santa Rita de Cássia,
em Foz do Iguaçu, Paraná

NO BOM ENSINO PÚBLICO, OS PROFESSORES IDENTIFICAM A SI MESMOS COMO AGENTES PODEROSOS DE MUDANÇA SOCIAL

Escola Municipal
Professora Ivani Oliveira,
em Seabra, Bahia

vida do Brasil com a Educação de seu povo. E é aí que reinam os professores, instância sem a qual nada aconteceria. “Eles são uma entidade que deveria ser reverenciada pela sociedade”, defende Lauro Roberto, ex-diretor da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, em Seabra, no interior da Bahia. Em várias das escolas abordadas em *Educação.doc*, esses profissionais recorrem a diferentes estratégias de aprendizagem, às quais aderiram de corpo e alma na intenção de fazer cada aluno aprender, sem deixar nenhum para trás. O capítulo “Professores cativantes que motivam” é dedicado aos profissionais do ensino, que, mesmo tendo escolhido uma carreira injustamente desvalorizada na sociedade – um ponto que pede correção urgente –, não se deixam abater pelas adversidades da profissão e identificam a si mesmos como agentes po-

derosos de transformação social. É como diz a professora de história Raquel Foresti, da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Major Silvio Fleming, em São Paulo: “Você vê a mudança acontecer na sua frente e volta para casa feliz. O aluno é a melhor parte da escola”.

Os depoimentos das crianças e jovens percorrem todo o documentário e este livro, evidenciando o alto padrão de articulação, aprendizagem e engajamento que é possível atingir quando se unem estas três forças: comunidade envolvida, gestores competentes e inspiradores e professores motivados e eficientes.

O mais notável entre as escolas mostradas no documentário é perceber que, ainda que tenham esses três pontos-chave em comum, cada uma delas encontrou soluções únicas de acordo com seu entorno, as condições que afetam seus alunos e os recursos (quase sempre parcos) disponíveis. Elas são a prova de que existem várias soluções possíveis para a Educação pública no Brasil. Nenhum intelectual, por mais genial que seja, pode hoje se vangloriar de ter a saída para a Educação brasileira, porque há muitas, como se vê na amostra que *Educação.doc* iluminou.







Comunidades que se envolvem e educam

Diretora do Ginásio Experimental Carioca Eptácio Pessoa, uma escola municipal aos pés da comunidade do Cruz, no bairro do Andaraí, zona norte do Rio de Janeiro, Marly Lemos Cardoso, há 16 anos no cargo, ficou famosa pelas muitas vezes em que subiu o morro para apartar brigas de seus alunos. “No começo, os meninos falavam: ‘Vamos brigar lá fora porque senão a diretora pega a gente’”, conta Matheus Pereira Silva, 16 anos, aluno do 9º ano. “Só que, quando a gente estava no meio da briga, ela aparecia, e não tinha para onde correr. Dona Marly pegava sempre.”

Em 2013, fiel à tradição, Marly e sua equipe escolar voltaram a subir o morro, mas dessa vez por outro motivo: alunos, professores e funcionários foram chamar a comunidade para comparecer à escola, onde seria anunciada a adesão a um novo projeto pedagógico, a Comunidade de Aprendizagem. Quem rememora aquele dia é o mesmo Matheus, representante de sua turma por cinco anos, até 2013, e um dos “braços direitos” da diretora no período: “Foi um dia muito especial: caminhamos tocando tambores para atrair bastante atenção e convidamos a comunidade. As pessoas saíam na janela. Teve gente que engrossou a nossa caminhada”. O grupo entregava panfletos conclamando pais e moradores a participar das conversas sobre Bolsa Família, entrega de

Na página anterior,
alunos a caminho da
escola em Ibitiara, Bahia



boletins, faltas, sonhos. Sonhos? Isso mesmo: o projeto adotado pelo Epitácio Pessoa prevê que a comunidade “sonhe” o tipo de escola que deseja construir, lado a lado com os alunos e a equipe escolar. Quadras cobertas e reformadas, bolas para a prática de esportes variados, um ensino melhor. Nas palavras de Marly, “é de fundamental importância que a sociedade civil esteja dentro da escola”.

E não é que todos sonharam? Os sonhos foram divididos em “categorias”: os que poderiam ser realizados de imediato, os que dependeriam de infraestrutura e os pedagógicos. Desse sonhar coletivo nasceu um lugar acolhedor, onde as crianças aprendem e se sentem importantes. Alguns sonhos não se realizaram porque fogem (pelo menos por enquanto) da alçada da escola – por exemplo, o desejo dos pais de que o Epitácio Pessoa tenha Ensino Médio (hoje ele atende crianças de 7º, 8º e 9º anos). Outros, como a vontade dos meninos de realizar um show de talentos, se concretizaram. “Na outra escola onde estudei, os professores não ligavam para nós. Aqui, perguntam o que houve quando a gente não está bem. Verdade que também exigem mais, mas eu prefiro assim”, explica a aluna Márcia Naiana do Nascimento, 14 anos, do 8º ano, uma garota de ar esperto que chegou ao Epitácio Pessoa com fama

Márcia Naiana do Nascimento, 14 anos, do 8º ano, e Matheus Pereira Silva, 16 anos, do 9º ano, ambos do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, em Andaraí, Rio de Janeiro. Nas páginas a seguir, imagens da escola





Meu sonho
é ver essa
escola livre de preconceito.
Parabenizar toda a equipe.
Estão fazendo um ótimo trabalho,
dando esperança a esses jovens.
Samuel Martins (Evilbois)

de “encrenqueira” e foi aos poucos aprendendo o valor do diálogo. Márcia também se encantou pelos livros. Em 2013, quando foi entrevistada para o documentário *Educação.doc*, estava lendo *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, de Júlio Verne – em versão integral –, e gostando muito, sobretudo quando podia discutir o clássico do século 19 com os colegas e observar que “é raro acharem a mesma coisa que você, e os outros às vezes me fazem mudar de opinião”. O fato de a escola funcionar em tempo integral, das 8 às 16 horas, atendendo alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, facilita o entrosamento com os professores e ajuda a sanar lacunas do aprendizado – principalmente entre alunos que vieram de outras escolas. “É comum o aluno querer sempre ficar mais um pouquinho”, explica José Ricardo Estrela, apelidado pelos alunos de “JR”, queridíssimo professor de... matemática.

CALENDÁRIO NA GELADEIRA

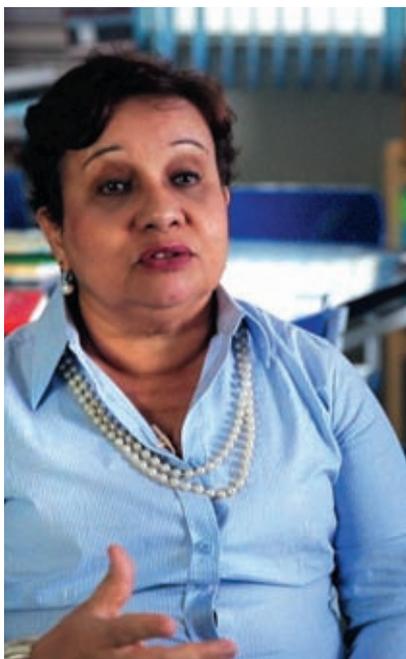
Um antigo provérbio sul-africano, repetido à exaustão pelo bispo e ativista Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz em 1984, lembra que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. A presença vibrante da comunidade dentro da escola abre um sem-fim de cenários férteis para a aprendizagem. Bem informadas sobre o que ocorre entre as paredes da sala de aula, as famílias – primeira comunidade à qual todos pertencemos – ganham instrumentos para acompanhar o rendimento da criança e ajudá-la dentro de suas possibilidades, mesmo que estas sejam limitadas. O professor JR resume: “O pai que conhece o trabalho da escola reforça no filho a importância de estudar”.

A diretora-adjunta, Carla Aida de Oliveira, que galgou degraus no Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa (foi professora e coordenadora antes de ocupar a função atual), situa a guinada no começo dos anos 2000. Até então, a escola sofria com problemas de infraestrutura e aprendizagem. “O que mudou esse cenário foi a aproximação com a comunidade e o estímulo para que os pais olhassem o caderno dos fi-

lhos e viessem à escola. Teve muita conversa para mostrar que eles não precisavam dedicar horas a fio a isso, bastava mostrar interesse, valorizar o nosso trabalho. Hoje tem pai que prega o calendário de eventos da escola na geladeira! Claro que o rendimento e o comportamento da criança mudam.” Em 2007, quando os alunos fizeram a Prova Brasil, tiveram nota 3,9 no Ideb. Em 2011, atingiram 5,4. Carla comemora: “Nossas crianças estão aprendendo”.

Para estabelecer boas relações com os pais e a comunidade, cada escola desenvolve estratégias próprias. No caso do Epitácio Pessoa, a diretora Marly reconhece que há dificuldades na aproximação, mas não desanima. “O segredo é mostrar para os pais que eles serão importantes para os filhos e para a escola. Mesmo que tenham apenas meia hora

Marly Lemos Cardoso, diretora, e Carla Aida de Oliveira, diretora-adjunta, do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, em Andaraí, Rio de Janeiro



para falar conosco, faremos dessa meia hora um tempo profundamente útil. Nunca chamo os pais para eles perderem tempo. Outra péssima ideia é convocá-los somente quando o filho tem problema. Eu chamo para elogiar!” Prova de que o “método” funciona, Marly conta com uma mãe bancária que ajuda nos grupos de apoio ensinando sua especialidade – matemática – e outra, leitora voraz, que participa das turmas de leitura. “Esta é uma escola limpa e bem organizada, que ganhou prestígio dentro da comunidade”, reforça JR, o querido professor de matemática. Ele relata que a família é avisada quando uma criança se atrasa ou falta sistematicamente, atitude que exige da gestão organização e comprometimento, mas em compensação rende laços fortes.

ELE VAI DE MOTO

Em Sobral, interior do Ceará, a 240 quilômetros de Fortaleza, uma escola elevou a um novo patamar esse comprometimento com a presença da criança em sala de aula – fonte de prestígio para a escola aos olhos dos pais e da comunidade. Eduardo Rodrigues gosta de se definir como um funcionário faz-tudo do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) Raimundo Pimentel Gomes: 29 anos, estudante universitário, ele auxilia a coordenação e até substitui professores em emergências. Mas sua principal tarefa é buscar alunos faltosos. É figura fácil pelas ruas empoeiradas dos sete bairros atendidos pela escola, pilotando sua moto Titan 150. “Se faltou duas vezes ou mais na mesma semana, vou lá saber o que está acontecendo.” Eduardo faz isso há dois anos, e no começo foi mal recebido em algumas ocasiões. “Hoje, se a criança não vai à escola por algum motivo, os pais ficam em alerta, me esperando. Se a família tem um problema, procuro aconselhar, deixo a minha gotinha de contribuição.” Em resumo: seu trabalho é vital em uma área de Sobral marcada pela violência e pela criminalidade, fatores que, aliados à desestruturação de muitas famílias, contribuem para que as crianças deixem os estudos.

“Se a criança faltou duas vezes na semana, vou ver o que houve. Os pais já me esperam”

EDUARDO RODRIGUES, FUNCIONÁRIO



Apesar de ter mais de 1.600 alunos, do berçário ao 5º ano, além de turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Brasil Alfabetizado, a escola se orgulha da taxa de evasão perto de zero, segundo o diretor, Estalber Amarante Vieira, desde 2007 no cargo. “Eu tomo conta de cada um, buscando em casa se for necessário, oferecendo reforço se tem dificuldade. Vem dando certo.” Os pais estão dentro da escola. “Eles entram para buscar a criança na sala de aula. Para pais e professores, esse é um momento em que se pode conversar. As famílias acreditam em nós.”

Entre as táticas de aproximação está o projeto Jornada da Leitura, que a cada ano premia o leitor mais assíduo com um *tablet*. Os pais

Eduardo Rodrigues,
funcionário do CAIC
(Centro de Atenção
Integral à Criança)
Raimundo Pimentel
Gomes, em Sobral, Ceará

“De manhã, ajudo os colegas na escola. À tarde, tenho aula. Sábado é dia de gincanas e domingo estudo em casa. Quero ser engenheira”



STEFANE BARBOSA CARVALHO, 10 ANOS

incentivam os filhos a retirar livros da biblioteca. Stefane Barbosa Carvalho, 10 anos, aluna do 5º ano, personifica o sucesso do projeto. Ela é “amiga da leitura” e representa sua escola em encontros com outras instituições. Em casa, é Stefane quem lê histórias infantis para os dois irmãos menores e livros de autoajuda para a mãe, a operária Dayane Barbosa. “Ela lê melhor do que eu, um milhão de vezes a mesma história. Em outras escolas, mais bagunçadas, ela não ia bem assim. Mas no CAIC até as crianças têm cabeça boa. E a escola manda alguém aqui em casa quando os meninos faltam, tem esse cuidado. Outra já teria abandonado. Eu confio totalmente no Estalber e nos professores.”

Dayane sustenta a família com o salário que recebe em uma fábrica local de calçados e sempre que pode vai à escola conversar e conferir boletins. Stefane sabe que a mãe “dá prioridade para a gente estar na escola, lá eles veem minha mãe como participativa, não como intrometida”. Com Dayane trabalhando fora o dia todo, Stefane e os irmãos passam a maior parte do tempo no CAIC. “Eu nunca não estou na escola”, diz a menina. “De manhã, ajudo a professora e meus colegas com dificuldades. À tarde, tenho as minhas aulas. Sábado é dia de gincanas e domingo estudo em casa, principalmente matemática. Hoje em dia divisão de decimais é meu assunto preferido.” Quando crescer, Stefane quer ser engenheira de tecnologia. A colega Katleen Sara Souza Cavalcante, 10 anos, do 5º ano, também sonha alto: quer ser médica. “O que mais gosto de fazer é estudar. E sou uma aluna bastante inteligente!”

O empenho da equipe escolar resulta em sucesso mensurável. Em 2012, o CAIC Raimundo Pimentel Gomes foi a melhor escola do Ceará, com índice 8 no Ideb de 2011 – dois pontos acima da meta projetada pelo Ministério da Educação para 2021. Em 2000, a escola produzia majoritariamente crianças analfabetas em sala de aula.

OS PAIS INCENTIVAM AS CRIANÇAS A RETIRAR LIVROS DA BIBLIOTECA. OS LEITORES MAIS ASSÍDUOS GANHAM UM TABLET

Stefane Barbosa Carvalho, 10 anos, aluna do 5º ano do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) Raimundo Pimentel Gomes, em Sobral, Ceará, na escola e em casa, com a mãe e os irmãos

LAÇOS DE FAMÍLIA

Nas escolas públicas de qualidade, os vínculos com a comunidade tornam-se tão fortes que, não raro, diretores e professores assumem o posto de segunda família. Por parte dos pais, prevalece a confiança irrestrita nesses profissionais. Por parte dos alunos, forja-se uma relação de intimidade respeitosa que, muitas vezes, leva os jovens a bater na porta da casa dos educadores para chorar as mágoas de uma briga de namorados. Por parte dos professores, há um engajamento forte e a sensação de recompensa pela importância de seu papel transformador. “Nossa diretora é a grande mãe”, define a estudante Franciele de Brito, 17 anos, aluna do 1º ano do Ensino Médio Augustinho Brandão, em Cocal dos Alves, no interior do Piauí, a 262 quilômetros de Teresina. “Os professores só são severos quando têm que ser, e se tornam nossos amigos. Eles dão liberdade para o aluno se expressar, abrem o diálogo, como um pai faria. Nos preparam para o mundo, e no final desse caminho tem um bom futuro.”

Nessa pequena cidade de pouco mais de 5.600 habitantes, erguida em plena caatinga, a relação de cumplicidade entre a escola e a comunidade está mudando a perspectiva de vida das famílias. Embora não tenha violência nem grandes desigualdades sociais – metade da população é de baixa renda e a maioria vive na zona rural –, Cocal dos Alves tampouco conta com atrativos como cinemas e baladas. A vida social dos jovens acabou se concentrando em torno da escola, um centro de excelência desde que, há cerca de dez anos, uma equipe pedagógica profundamente empenhada na aprendizagem dos alunos passou a atuar sob o lema “amor e rigor”.

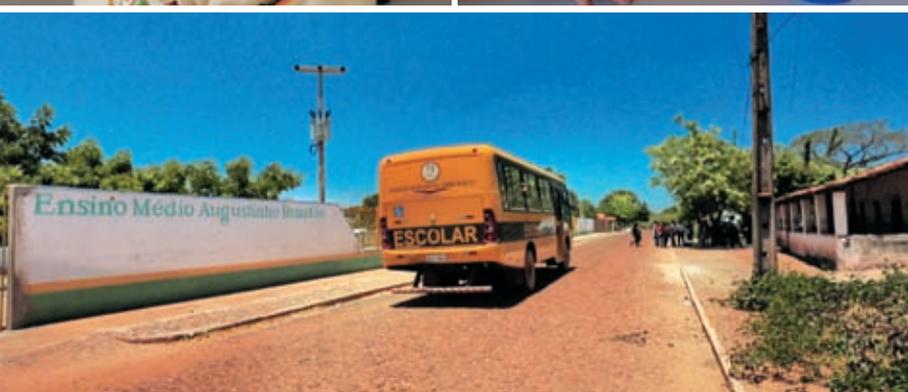
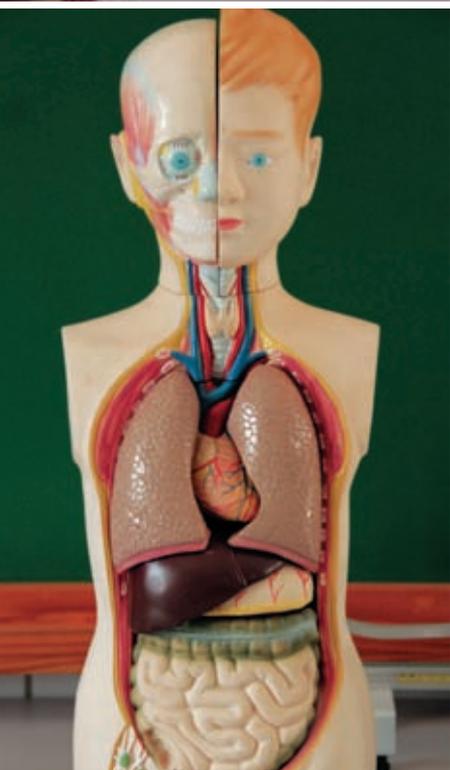
Graças a esse trabalho, que desde 2010 vale ao Augustinho Brandão o título de melhor escola pública do estado do Piauí quando se consideram os resultados do Enem, alguns paradigmas da vida da comunidade começam a ser quebrados. Por causa da baixa oferta de empregos, era comum que, ao completarem 18 anos, os jovens migrassem para os estados da Região Sudeste em busca de vagas na construção civil. Foi o que aconteceu com um irmão de Franciele, Francisco das Chagas, que

Franciele de Brito, 17 anos, aluna do 1º ano do Ensino Médio Augustinho Brandão, em Cocal dos Alves, Piauí. Nas páginas a seguir, imagens da escola e do entorno

“A Educação está transformando nossas vidas. Quero ser pediatra e, depois de formada, voltar para Cocal e ajudar a minha comunidade”

FRANCIELE DE BRITO, 17 ANOS







“Em 2010, 100% dos nossos alunos foram aprovados no vestibular. Eles vão mudar a vida de suas famílias”

AURILENE VIEIRA DE BRITO, DIRETORA



“trabalha pesado no Rio de Janeiro”. Ela tem uma irmã mais velha, Kelly, que encarna uma dura realidade da Cocal de outros tempos: saiu de casa grávida, com 14 anos, “e precisa do dinheiro do marido para tudo”. “Comigo não será assim”, decidiu Franciele. “Nós somos pobres, mas a Educação está transformando nossas vidas. Está me lapidando. Quero ser pediatra e, depois de formada, voltar para cá para ajudar a melhorar a vida da minha comunidade.”

O sonho não parece nem um pouco distante, e o fato de estar na escola pública soa irrelevante para a garota que gosta de ler Cecília Meireles e Olavo Bilac ao lado do candeeiro, já que sua casa, na zona rural de Cocal dos Alves, não tem luz elétrica (e os livros ficam manchados pela fumaça oleosa da luminária). “Tem uma aluna de Cocal que está fazendo medicina em Teresina”, afirma. E ela não está só, diz a diretora da escola, Aurilene Vieira de Brito, com a serenidade e a segurança de quem garante estar fazendo “apenas o básico”. “Em 2010, 100% de nossos alunos foram aprovados no vestibular. Nossas histórias são maravilhosas.” João Francisco, por exemplo, usou o prêmio em dinheiro que recebeu ao conquistar medalha em uma Olimpíada de Matemática para comprar uma geladeira para a família. “Eu fui à casa desse menino e constatei que viviam em extrema pobreza, com o dinheiro do Bolsa Família. No entanto, no 3º ano, ele passou no vestibular para engenharia civil numa universidade pública. Esse garoto vai mudar a vida da família dele!”

Para estimular a participação da comunidade, um conselho que congrega pais, professores e alunos ajuda nas decisões, auxiliando a diretora e fiscalizando atividades que vão desde o eventual conserto do ar-condicionado (todas as salas têm) até a organização dos participantes em competições. A escola estimula seus alunos a se inscrever em competições, como forma de despertar a ambição e os sonhos dos jovens.

PAIS, ALUNOS E PROFESSORES DECIDEM SOBRE TUDO, DO REPARO DO AR-CONDICIONADO ÀS COMPETIÇÕES NACIONAIS

Aurilene Vieira de Brito,
diretora do Ensino Médio
Augustinho Brandão,
em Cocal dos Alves, Piauí

CONTRA A DESCONTINUIDADE, O DIA E

A comunidade também pode ser fiadora da continuidade de bons projetos – aqueles que correm risco de morte quando as circunstâncias da política oscilam. Coordenadora pedagógica da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, em Seabra, no interior da Bahia, Janaína Barros define seu trabalho como “gerir o currículo da escola e formar professores e pais”. Pais? Isso mesmo. “É uma política da escola, construída por nós. Fazemos encontros com eles e revelamos os projetos da escola, as metas e os caminhos. Os pais opinam e acompanham o processo.”

As famílias têm papel fundamental nessa que é uma das mais sólidas alianças pela Educação de qualidade no Brasil. Seabra é um dos 21 municípios da Chapada Diamantina a integrar o Projeto Chapada, uma série de iniciativas destinadas a criar estudantes leitores e produtores de texto por meio de três pilares: a formação continuada de professores, diretores, coordenadores e supervisores; a produção de conhecimento; e a mobilização

política. É essa terceira frente de trabalho que tem garantido bons resultados apesar das mudanças no Executivo das cidades-membros.

Desde 2000, quando o Projeto Chapada foi implantado em Seabra – cidade que, por sua localização geográfica, concentra boa parte dos encontros –, a mudança de prefeito não mais interfere nas estratégias de Educação. A “mágica” começa com uma Campanha pela Qualidade da Educação a cada ano eleitoral, com a participação de toda a população no debate das políticas públicas do setor e na avaliação das posições dos candidatos. Na sequência, as cidades envolvidas realizam seus fóruns de Educação para definir os desafios particulares de cada uma. A ação culmina com o grande Dia E (Dia da Educação), em que

GRAÇAS AO PROJETO CHAPADA,
AS MUDANÇAS NA POLÍTICA NÃO
INTERFEREM NA EDUCAÇÃO.
HÁ UM COMPROMISSO COM A
CONTINUIDADE DO QUE VAI BEM

Janaína Barros,
coordenadora pedagógica
da Escola Municipal
Professora Ivani Oliveira,
em Seabra, Bahia



*“É preciso formar os pais.
Fazemos encontros com
eles, revelamos os projetos
da escola e muitos opinam”*

JANAÍNA BARROS, COORDENADORA PEDAGÓGICA



uma plenária elege prioridades – desde a reconstrução de um muro caído até a formação de professores –, conduz uma votação e redige um documento em nome da comunidade. Todos os candidatos o assinam, comprometendo-se a pôr em prática o que foi combinado ali quando eleitos. “Não é um espaço para queixas: é espaço de propostas”, explica Giovana Zen, gestora pedagógica do Icep (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa), que embasou a metodologia do projeto. “Os candidatos estão presentes, mas apenas para ouvir.”

No dia 1º de janeiro, quando os novos prefeitos tomam posse, uma faixa com as metas previamente definidas é entregue ao novo governante; um grupo eleito no Dia E, a Caafe (Comissão de Avaliação das Ações do Fórum da Educação), acompanha a implementação das propostas ao longo dos quatro anos da gestão. Claudia Rocha, secretária de Educação do município de Iraquara, explica que “isso favoreceu enormemente a transição entre 2012 e 2013”. Ela faz parte de uma administração do Partido Progressista que sucedeu um governo petista. “A gestora anterior tinha consciência da importância do projeto. Mas na Ação Social, por exemplo, como não havia um pacto semelhante, isso se quebrou.” O contraexemplo é a pequena Boquira, que não faz parte da rede de cidades do Projeto Chapada, cujo secretário de Educação, Reinaldo Vieira, ainda rastreia material da gestão anterior. “É preciso tomar partido dentro da Educação em vez de se posicionar como situação ou oposição.”

Em uma comunidade “decididora”, o aluno é o mais importante. Janaína, da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, lembra que, no primeiro diagnóstico de aprendizagem das crianças realizado pelo Projeto Chapada, em 2000, apenas 30% dos alunos da 1ª série (atual 2º ano) sabiam ler. “Hoje são 60%, e a gente ainda acha muito pouco.”

UMA COMISSÃO ELEITA NO DIA DA EDUCAÇÃO FISCALIZA O ANDAMENTO DAS PROPOSTAS DURANTE OS QUATRO ANOS DE CADA GESTÃO

Em sentido horário: Reinaldo Vieira, secretário de Educação de Boquira, Bahia; Giovana Zen, gestora pedagógica do Icep (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa); Claudia Rocha, secretária de Educação de Iraquara, Bahia. Nas páginas a seguir, imagens da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, em Seabra, Bahia





A cabeleireira Raquel de Souza Araújo Lima, de Ibitiara, outra das cidades envolvidas no Projeto Chapada, assistiu maravilhada ao mergulho da pequena Karlla no mundo da leitura. “Foi muito emocionante ver minha filha começar a ler, soletrar, entender cada palavra. A leitura é a base de tudo. Outro dia ela chegou em casa falando da Tarsila do Amaral. Eu só soube da Tarsila no Ensino Médio!” Karlla, aluna do 3º ano em 2013, lê fluentemente. Mesmo na pequena sala multisseriada que frequenta, com apenas 14 alunos, encontra desafios à altura de seu intelecto, explica a professora Adriana de Almeida Oliveira, que os alunos chamam carinhosamente de “pró”: “Eu penso em cada criança, vou agrupando, tenho foco no nível dos alunos e proponho produções e registros de acordo com cada um”. Ela acredita que, “enquanto não unir escola, família e comunidade, não tem Educação”. “Aqui, tem o dia em que o pai vem ler, e as crianças acham o máximo. Nesse dia, elas se sentem... acreditando num futuro melhor.”

NÃO INTERROMPER O QUE DÁ CERTO

Muito distante da Chapada Diamantina, Foz do Iguaçu, no Paraná, também vai conseguindo mobilizar políticos de partidos diferentes em prol de uma Educação de qualidade. A secretária municipal de Educação, Shirlei Ormeneses de Carvalho, tem uma longa trajetória: foi diretora da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, campeã do Ideb em 2011, com nota 8,6, e indicada para o cargo pelo atual prefeito, Reni Pereira, do Partido Socialista Brasileiro. Embora o município tenha feito um pacto pela Educação há cerca de uma década, resultando na melhor média de Ideb para o Ensino Fundamental em todo o Brasil, a continuidade da política ainda causa algum maravilhamento. “Os prefeitos desta gestão e da anterior eram de partidos diferentes, e eu, de certa forma, fazia parte do sucesso dos projetos anteriores. Mesmo assim, fui escolhida para manter o que foi conquistado e ir além.” Reni reforça: “Reconhecemos o papel de não interromper o que está dando certo e evoluir”.

Raquel de Souza Araújo Lima com a filha, Karlla, aluna do 3º ano da Escola Municipal de Caimbongo, em Ibitiara, Bahia, e a estudante na escola, com colegas

“Foi emocionante ver minha filha ler. A leitura é a base de tudo. Outro dia, ela aprendeu sobre Tarsila do Amaral, que eu só conheci no Ensino Médio!”



RAQUEL DE SOUZA ARAÚJO LIMA, MÃE DE KARLLA

“Nosso trabalho é de formiguinha. Ainda há muito que melhorar na qualidade de vida das crianças”

LEILA DE MELO, ASSISTENTE SOCIAL



Além de preservar o que dá certo, Foz do Iguaçu investe desde 2009 em uma rede de cuidados de saúde física e psicológica para as crianças da rede pública, o Projeto FICA – Construindo a Cidadania, que oferece às 51 escolas municipais um corpo de assistentes sociais, psicólogos e fonoaudiólogos. A iniciativa foi criada para combater a evasão escolar na cidade, que, por ser fronteira, tem características peculiares – e terríveis. “Muita drogadição, violência, exploração do trabalho infantil, tráfico e homicídio de crianças, tudo isso resultando em problemas de aprendizagem que criaram, por parte das escolas, uma demanda pelo nosso trabalho”, explica Leila de Melo, assistente social do projeto. “Trabalhamos as questões sociais, familiares, de violência, e o combate à evasão evoluiu para questões muito mais amplas.” Ela conta que os resultados melhoram anualmente e têm sua parcela na conquista do Ideb. A participação das famílias é fundamental e, quando os pais não vão à escola, a equipe do Projeto FICA vai até a casa do aluno. “Onde essa criança mora? Por que chega atrasada? Indo à casa, a gente consegue conhecer a realidade dela até melhor que o professor, e essa é uma prática muito bacana do serviço social. Se é o caso, fazemos um encaminhamento para outras secretarias da rede, como de Saúde ou de Habitação.” A evasão escolar vem diminuindo ano a ano. “A gente tem visto muitas coisas, e nosso trabalho é de formiguinha. Mas ainda temos que melhorar muito a qualidade de vida das nossas crianças.”

EM FOZ DO IGUAÇU, UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR VISITA AS FAMÍLIAS NUM ESFORÇO PARA COMBATER A EVASÃO ESCOLAR

EDUCAÇÃO DE PAIS

O engajamento da comunidade, seja sob a forma poderosa da mobilização política, seja simplesmente pela aproximação e pelo acolhimento,

Leila de Melo, assistente social do Projeto FICA – Construindo a Cidadania, de Foz do Iguaçu, Paraná

PARA SE APROXIMAR DA COMUNIDADE, O COLÉGIO MOCHÓN INSTALA TENDAS NAS RUAS E CHAMA OS MORADORES PARA CONVERSAR SOBRE TUDO, DE CULTURA A RECICLAGEM

Estudantes do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro, apresentam seus projetos

tem um desejável efeito direto: a qualificação da demanda por uma Educação melhor. Os pais de muitos dos alunos que hoje estão na escola pública não frequentaram os bancos escolares quando crianças ou, se o fizeram, estavam matriculados em estabelecimentos de baixa qualidade. Como esperar que eles, e justamente eles, exijam uma Educação de melhor nível para seus filhos? É aí que entra em cena o poder da escola de convencer a comunidade – e a família dentro dela – de sua importância na aprendizagem.

O Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón – que atende estudantes do Ensino Médio em uma região marcada pela

violência cotidiana dos traficantes de drogas – fez isso extravasando os muros da escola e instalando tendas pelas calçadas do bairro carioca de Padre Miguel, convidando a comunidade a refletir sobre temas candentes do dia a dia. “Nosso primeiro tema foi ‘Padre Miguel que somos, Padre Miguel que queremos ser’”, lembra a diretora, Ana Paula Freitas Rodrigues, que briga para tirar seus “meninos” da criminalidade e ganhou o respeito de

todo o entorno – até mesmo dos traficantes, que consideram a escola território intocável. Ao discutir a sustentabilidade, por exemplo, o Mochón conversa com a comunidade na busca de soluções para o grave problema do lixo. “Nossos projetos ganham as ruas. Pedimos licença, chamamos as pessoas para discutir a questão da reciclagem ou a razão por que a vida cultural em Padre Miguel é tão deficiente.” Como prática de cidadania e solidariedade, a escola leva seus alunos, todos os anos, ao Hemorio para doar sangue (e não é incomum que, graças aos exames de sangue obrigatórios, alguns descubram ter doenças sexualmente transmissíveis, o que também é assunto de diálogo).

“Nosso primeiro tema foi ‘Padre Miguel que queremos ser’. Chamamos todos para debater questões do bairro”

ANA PAULA FREITAS RODRIGUES, DIRETORA



“Era uma escola complicada. Mas não me desesperei: tudo passa pela Educação, e a Campos Salles poderia ser um centro de liderança”

BRAZ NOGUEIRA, DIRETOR



UMA ESCOLA MOSTRA SUA FACE

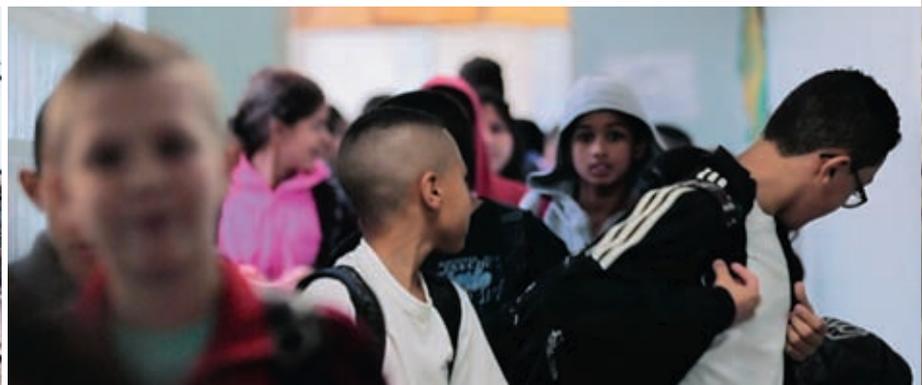
Se em Padre Miguel a diretora Ana Paula Freitas Rodrigues convoca seus alunos a transbordar os muros da escola e ocupar as ruas, a EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, no bairro de Heliópolis, zona sul de São Paulo, literalmente derrubou-os para se integrar à comunidade. Em troca, com o apoio dela, validou sua sobrevivência – e qualidade – em uma das regiões mais violentas da capital paulista. O diretor, Braz Nogueira, lembra que quando chegou, em 1995, “esta era uma escola complicada. Havia muitos relatos de brigas, até seis por dia, toque de recolher e chacinas. A escola tinha 1.800 alunos e era cercada por muros de alvenaria com estacas de ferro e arame farpado. Internamente, havia três grupos disputando o poder – até hoje não sei que poder disputavam. Logo depois de ter assumido, pensei: ‘O que eu fiz da minha vida?’”. Dois pensamentos “salvadores” impediram que Braz se desesperasse: “Primeiro, lembrei que tudo passa pela Educação. Segundo, que a escola tem que ser um centro de liderança, atuando articuladamente com a comunidade”.

Com o apoio de duas coordenadoras recém-chegadas, com quem logo estabeleceu uma relação de parceria e cumplicidade, Braz realizou encontros com pais e líderes comunitários – a estes, desejava salientar que a Educação, de tão vital, qualificaria inclusive as outras lutas deles. “Mostramos a escola com sua beleza e feiura, defendendo a ideia de que mudar era responsabilidade de todos.”

Costurada cuidadosamente, sob o olhar desconfiado do comando do tráfico, a aliança entre escola e comunidade teve um divisor de águas em 1999, quando uma aluna de 16 anos, Leonarda Soares Alves, foi as-

OS MUROS DE ALVENARIA
COM ARAME FARPADO FORAM
DERRUBADOS PARA EXPOR
A ESCOLA À COMUNIDADE, COM
SUA BELEZA E SUA FEIURA

EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, em Heliópolis, São Paulo. Nas páginas a seguir, imagens da escola e do entorno



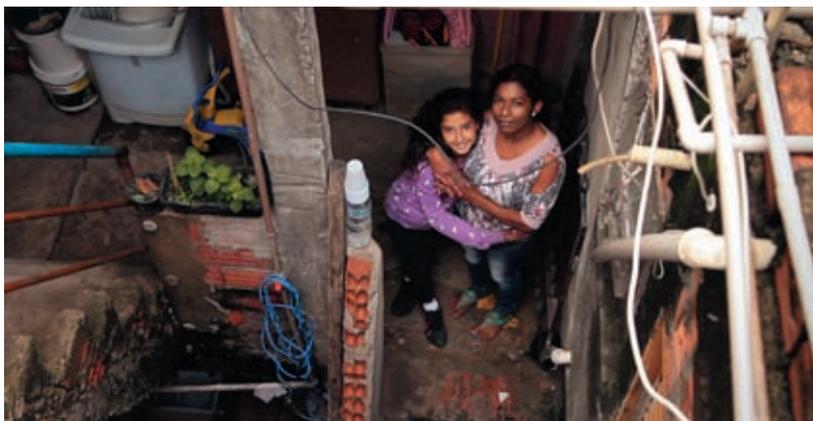


sassinada com cinco tiros no rosto quando chegava em casa depois da aula. “Era uma menina alegre, sociável, bonita. Faltou o chão; quase caí. Ao meu lado estava um professor de português, Orlando, e desabafei com ele: ‘Orlando, somos omissos. O que vamos fazer?’” Nasceu ali a ideia de uma caminhada pela paz pelas ruas e vielas de Heliópolis, que se repete anualmente desde a morte trágica da estudante, reunindo cerca de 15 mil pessoas a cada jornada. “Naqueles dias, nos transformamos em leões. Quando perguntei se a comunidade nos ajudaria nessa ideia, ouvi do João Miranda, líder comunitário: ‘Ô, Braz, meu irmão, meu amigo. Não precisa fazer essa pergunta para nós. Se a escola está, nós estamos. Não existe escola lá e nós aqui. Somos a mesma coisa.’”

Em 2002, veio um novo golpe: uma invasão resultou em 21 computadores roubados. “Isso foi muito dolorido. Estavam na caixa, nem tinham sido conectados. A gente saiu pela comunidade, falando com os moradores, com os donos de bares. Dizíamos: ‘Não foi a prefeitura que foi roubada: foram os filhos de vocês! Se esses computadores não voltarem para lá, quebrou-se um

UM ASSASSINATO E UM ROUBO MOLDARAM UMA ALIANÇA TRANSFORMADORA ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE

símbolo.” Três dias depois, uma moto e um carro interpuseram-se no caminho de Braz. Um dos ocupantes do carro pediu autorização para devolver os computadores na comunidade, com receio de ser flagrado pela polícia caso levasse as máquinas diretamente até a Campos Salles. “Nesse dia, entendi que os muros não tinham nada a ver com a segurança da escola. Pelo contrário: ficava mais fácil roubar. E tirei os muros.” O lugar de “marginais e baderneiros” que Braz encontrou em 1995 é hoje um exemplo de integração entre escola e comunidade, moeda de troca na negociação com o poder público em benefício de Heliópolis. Ao redor dela, estão sendo construídos um centro de convivência, um polo cultural, uma ETEC (Escola Técnica Estadual), duas quadras de esporte, uma piscina e um prédio de cinco andares para abrigar projetos comunitários.



Nicolý dos Santos,
10 anos, EMEF (Escola
Municipal de Ensino
Fundamental) Presidente
Campos Salles, e sua mãe,
Selma, na comunidade de
Heliópolis, São Paulo



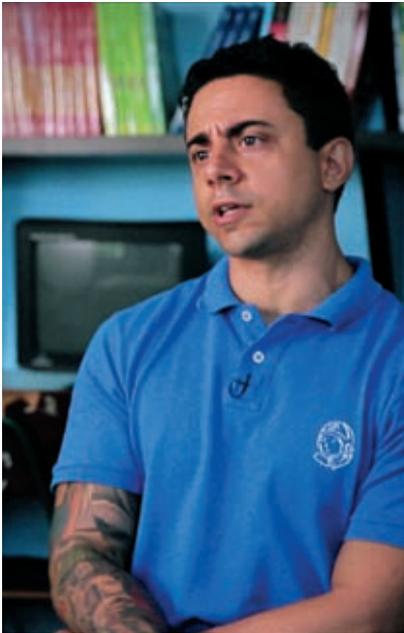


Gestores comprometidos que inspiram

Ana Paula Freitas Rodrigues, diretora do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro (também na página anterior), e os professores Marcel Costa e Luciana Soares

Desde 2005 à frente do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro, a diretora Ana Paula Freitas Rodrigues é uma figura que chama a atenção imediatamente. Antes, por quatro anos, fora professora de história na mesma instituição, depois de estudar em quatro escolas públicas “aqui mesmo, na comunidade”, onde cresceu. Alegre e impetuosa, tem samba no pé e gosta de futebol – torce pelo Vasco. Criou um perfil no Facebook e se comunica com os alunos por meio das redes sociais; arrisca até palpites na vida amorosa dos adolescentes. “Nesta escola pública onde estou diretora, tenho vários papéis – de pai, de mãe, de psicóloga –, que desenvolvo de forma intuitiva e com o coração”, afirma, para explicar a proximidade. “Meus alunos chegam com histórias de vida muito difíceis, e eu estendo a mão. Abraço. Mas não de qualquer forma, e sim aos poucos.”

Sob a regência de Ana Paula, toda a equipe escolar vai construindo junto o clima para chegar ao tal “abraço”, que tem de ser desejado pelo outro. Na primeira semana de aula ocorre uma “oficina de integração”, em que os alunos recebem fitas coloridas e formam grupos baseados nas cores, e não na série que cursarão. Misturam-se e conhecem-se em um ambiente alegre e informal. “Aqui tem que ser bom, porque, se não





“Por pouco não perdi um irmão vítima do tráfico. A escola Mochón é tudo para mim. Quero escrever um livro com final feliz sobre a minha vida”

YGOR LUIZ DOS SANTOS SOUZA, 17 ANOS

for, eles vão embora. Gostam desta escola porque são gostados, são amados, são bem recebidos. E continuam gostando, mesmo quando chega a hora de pegar no pesado e estudar pra valer.” Com vestido branco de renda e brincos de pérola, Ana Paula se emociona ao falar dos afetos que cultiva na escola, quase um oásis na comunidade violenta, com forte presença do tráfico de drogas, de Padre Miguel. Às vezes, ela pensa em desistir. “Mas aqui é o meu campo de aprendizagem, aprendo mais do que ensino.” Do lado de fora da sala onde a equipe do *Educação.doc* filmava a entrevista com a diretora, reinavam o silêncio e a disciplina, exceto pela aula de educação física que ocorria na frente do prédio (e não na quadra, que estava interditada).

Se houvesse qualquer dúvida sobre a consistência do discurso da diretora, bastaria uma volta pela escola, que ocupa um pequeno espaço físico, apesar dos aproximadamente 750 alunos do Ensino Médio distribuídos em 17 turmas. Não se vê lixo no chão, não há pichação nas paredes nem vidro quebrado nas janelas. “Esta escola é tudo para mim”, conta o jovem Ygor Luiz dos Santos Souza, 17 anos, do 1º ano, cuja mãe, viciada em drogas, vive na rua. Ele mora com a irmã, Sthepane, 21 anos, na comunidade, e ambos já serviram ao tráfico. Hoje, ela trabalha com

Ygor Luiz dos Santos Souza, 17 anos, aluno do 1º ano do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro

**Lorrany Christal
Cordeiro dos Passos e
Mateus Braga de Abreu
Jesus, do Colégio Estadual
Monsenhor Miguel de
Santa Maria Mochón,
em Padre Miguel,
Rio de Janeiro**

carteira assinada; ele sonha concluir o Ensino Médio, fazer o serviço militar obrigatório e cursar engenharia ou arquitetura. “Eu já fui dessa vida, apanhei muito e por pouco não perdi um irmão para a violência do tráfico. A escola me ajuda a ter pensamentos bons. Quero escrever um livro sobre o que já passei, mas só quando tiver um final feliz.” Com histórias menos problemáticas, Lorrany Christal Cordeiro dos Passos e Mateus Braga de Abreu Jesus também adoram ir à aula. “A gente vai aprendendo de forma amistosa, a interação com a diretora e os professores é prazerosa”, explica ela. “Quando a pessoa entra aqui, ela esquece o mundo lá fora”, garante ele. Para os dois, a escola também oferece conforto diante das delicadas crises da adolescência. “Conversamos com os professores sobre nossos problemas pessoais”, conta Lorrany.



CARACTERÍSTICAS COMUNS

Todas as instituições ouvidas para o documentário *Educação.doc* têm uma gestão forte e inspiradora, capaz de construir uma escola com significado, firme no propósito de servir ao aluno – seu foco por excelência. Para tanto, conduzem uma orquestra de professores, funcionários e comunidade com um objetivo comum: o aprendizado.

Esses gestores podem ser calorosos, como a diretora Ana Paula, ou reservados, como Marly Lemos Cardoso, do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, de Andaraí, também no Rio de Janeiro. Marly, que conta 36 anos de magistério e poderia ter se aposentado há 11, continua no batente “pelo prazer de estar aqui”. “Peguei esta escola caída, mas, graças aos três pilares que defini – respeitar, estudar e ser feliz –, estou fazendo um bom trabalho.” Muitos gestores se emocionam ao falar de seu trabalho – um choro genuíno, que reconhece a luta travada para chegar à excelência e se orgulha dela. Vestindo uma camiseta preta estampada com a nota de sua escola no Ideb de 2011 – os fantásticos 8,6, primeiro lugar do Brasil –, Leda Márcia Dias Dal’Lin, diretora da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, em Foz do Iguaçu, é uma das que se comovem: “Tem uma essência aqui. Eu me lembro de cada criança, de uma caminhada que começou em 2007. Para mim, é uma responsabilidade, inclusive como gestora este ano [referindo-se a 2013, quando houve nova Prova Brasil e, conseqüentemente, novo resultado no Ideb, ainda indisponível quando da publicação deste livro]”. As personalidades mudam, mas não o compromisso com o aluno e a postura ética. Definindo ética como a vida que se quer viver considerando a presença do outro, a escola é o espaço ideal para que ela seja exercitada e fortalecida.

MUITOS GESTORES SE
EMOCIONAM AO FALAR DE
SEU TRABALHO, UM CHORO
DE ORGULHO PELO AVANÇO,
PELA VITÓRIA DE CADA CRIANÇA

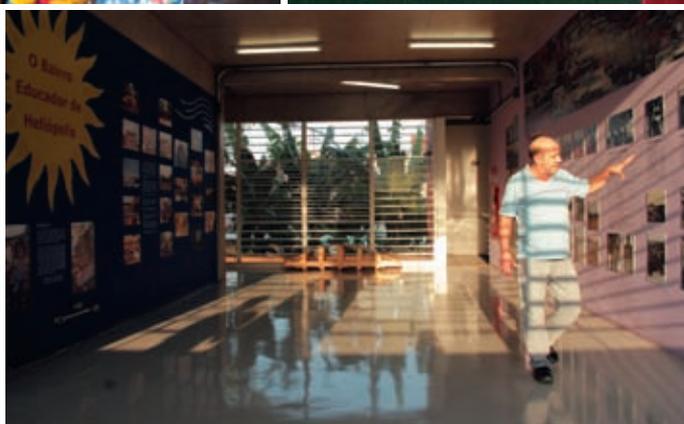
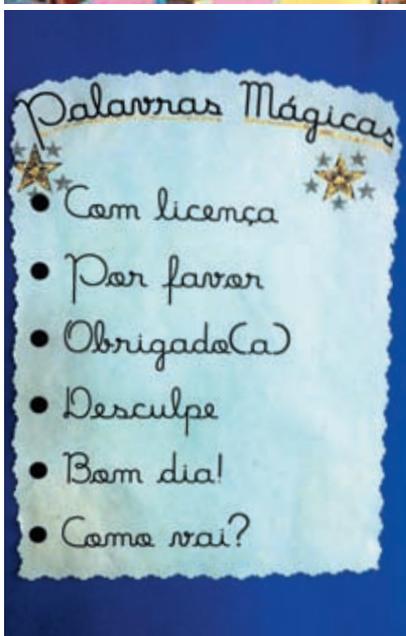
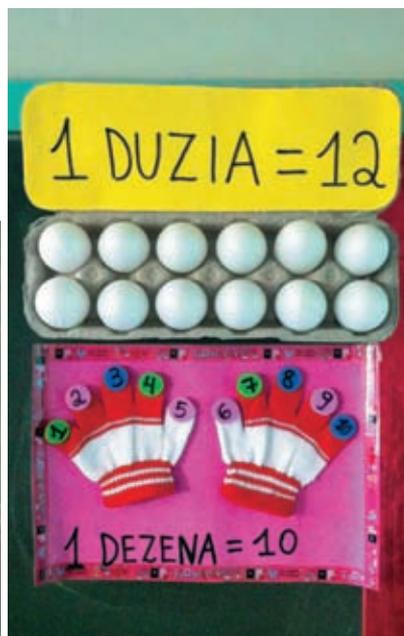
OS GESTORES INSPIRADORES DESPREZAM O AUTORITARISMO E ABRAÇAM O DIÁLOGO E A CONQUISTA COMO ESTRATÉGIAS PARA ENGAJAR EQUIPE E ALUNOS

**Braz Nogueira, diretor da
EMEF (Escola Municipal
de Ensino Fundamental)
Presidente Campos
Salles, em Heliópolis,
São Paulo**

Autoritarismo passa longe do modo de agir dessas lideranças, e o diálogo é sempre carta na mesa, seja para lidar com situações críticas envolvendo professores e funcionários, seja para negociar com os estudantes. Recentemente, a diretora Marly instituiu a obrigatoriedade do uso de uniforme na escola de Andaraí. Mesmo não gostando da ideia, os alunos obedeceram, mas não deixaram barato: reuniram-se para debater a nova medida, muniram-se de argumentos contra a novidade e levaram seus pontos de vista à direção em reuniões nas quais não faltaram intensos debates. Até o momento em que Marly... cedeu. “Eles pesquisaram o assunto, foram mais longe do que eu. Isso é cidadania, é protagonismo juvenil, é o que prepara para o mundo. Voltei atrás.”

O diálogo e a conquista também são as estratégias cotidianas de Braz Nogueira, em Heliópolis, São Paulo. Em 1999, ainda adaptando-se ao convívio truculento com os traficantes, Braz recebeu ordens de fechar a escola atendendo a um toque de recolher. À época, a Campos Salles era a única que não havia se curvado às ordens do tráfico. “Eu estava sob pressão. Lá via as manchetes nos jornais do dia seguinte: ‘Última escola de Heliópolis cede ao tráfico’. Reuni 400 alunos, adultos, do noturno, sentei num banquinho e falei tudo, sem censura. Terminei meu discurso dizendo que quem mandava ali éramos nós, não os traficantes. Mas, quando voltei à minha sala, senti um vazio enorme: com que cara eu voltaria à escola no dia seguinte?” Foi quando três alunos do grêmio, que estudavam durante o dia, mas estavam reunidos naquela noite, foram à sala do diretor oferecer seu apoio. “Naquele momento, aprendi que ninguém é líder a todo momento, pois, quando eu mesmo estava perto de perder a esperança, um aluno de 13 anos, do grêmio da escola, me manteve vivo. Naquela noite, ele foi o meu líder.”





PROMOTORES DA ÉTICA

Mais do que orquestrar uma equipe e um corpo de alunos de modo a permitir que o aprendizado aconteça, gestores como Braz, Marly, Ana Paula e todo o grupo ouvido para o documentário *Educação.doc* posicionam-se como promotores de valores éticos indissociáveis da Educação. A começar pela forma como a escola é cuidada, o que, por si só, já transmite um valor. Há aquelas que exibem troféus e medalhas. Outras, em contraponto, expõem desenhos de crianças, em uma demonstração inequívoca da ordem de grandeza dessa produção cultural. As paredes das escolas públicas de qualidade retratadas no documentário estão cobertas de desenhos, colagens, textos de alunos, alusões à intensa vida cultural nessas instituições. Seus diretores propõem um ambiente onde seja possível alargar experiências formativas. Compreendem que uma boa vivência em sala de aula significa relacionar-se bem com o conhecimento e entender que ele traz a oportunidade de ser feliz na vida. Conhecimento é liberdade, autonomia, plena inclusão e participação social. O direito à Educação não existe sem a qualidade.

Não há uma receita pronta para abordar questões filosóficas tão densas com crianças de tantas realidades diferentes como há no Brasil. O cenário fica ainda mais desafiador quando se considera que alunos começando a vida escolar hoje têm a idade das redes sociais, e os que estão saindo são tão jovens quanto a internet. Cresceram e crescem habituados à agilidade da troca de informações, mas encontram uma escola calcada em modelos do século 19, com professores do século 20 que ensinam com lousa e giz. A velha pergunta “O que você vai ser quando crescer?” perdeu o sentido: ninguém consegue prever que profissões haverá daqui a 20 anos, da mesma forma que, há duas décadas,

CONHECIMENTO TRAZ
A OPORTUNIDADE DE SER
FELIZ, COM AUTONOMIA
E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

As paredes das escolas públicas de qualidade retratadas no documentário estão cobertas de desenhos, colagens e alusões à intensa vida cultural que acontece nelas

ninguém teria previsto que condutor de *drones* (aviões não tripulados) poderia ser uma carreira interessante na segunda década do século 21.

Júlio César Alexandre,
secretário de Educação
de Sobral, Ceará.
Nas páginas a seguir,
imagens do CAIC
(Centro de Atenção
Integral à Criança)
Raimundo Pimentel
Gomes e do entorno

O FIM DAS INDICAÇÕES POLÍTICAS

Se os tempos são imponderáveis, o dia a dia pede decisões urgentes para gerir com sucesso um ambiente de tal complexidade e formar os 40 milhões de crianças e jovens que frequentam hoje os bancos da escola pública no Brasil. Já que a qualidade da gestão é decisiva para o bom funcionamento do todo, algumas práticas começam a cair em desuso, como a indicação política de diretores. Nesse sentido, a rede



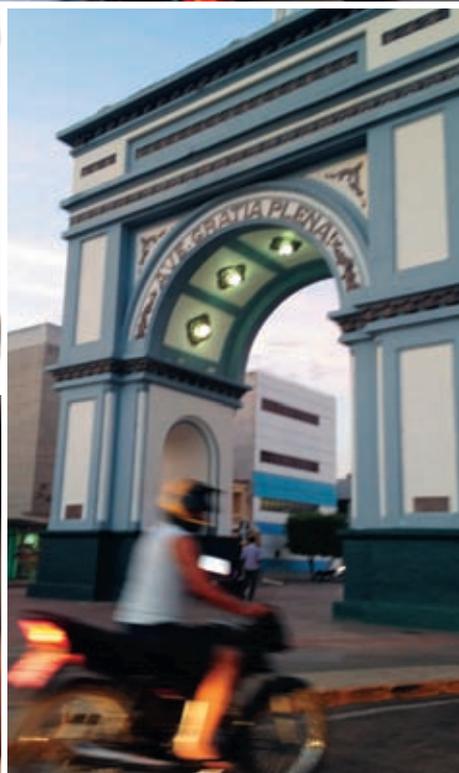
pública de Sobral, no Ceará, parece ter encontrado um caminho promissor, elogiado por muitos especialistas ouvidos para o documentário e apontado como tendência: lá, o candidato a diretor é submetido a provas rigorosas e só poderá assumir a função se for bem avaliado.

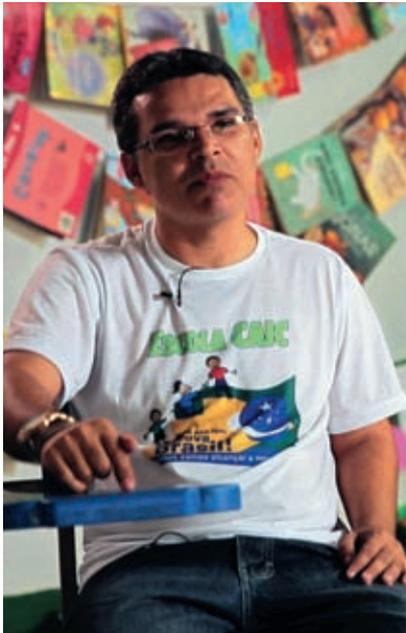
Esse movimento começou no início dos anos 2000, quando, após grandes debates, concluiu-se que falta de dinheiro para a Educação era, sim, um problema – menor, porém, do que a má gestão. “Perto das eleições, as escolas ‘inflavam’ com três vezes mais funcionários. Nem por isso as crianças aprendiam”, relembra Júlio César Alexandre, secretário de Educação de Sobral. Decidiu-se, então, que todos os interessados em dirigir uma escola – mesmo aqueles profissionais que já ocupavam esse posto, indicados por gerações anteriores de secretários de Educação – teriam de fazer uma prova. O concurso era aberto a todos e exigia apenas a licenciatura e dois anos de vivência em escola. Apesar de não pedir experiência em gestão, a prova avaliava potencial de liderança, visão sistêmica, mediação de conflitos e capacidade de fazer aprender. No primeiro concurso, foram quase 20 dias de avaliação, entre provas e dinâmicas. “Caíram 75% dos diretores. Ao final, tínhamos um grupo novo”, relembra Júlio César, aprovado nessa primeira leva e designado para uma escola da qual sabia apenas o endereço. Era, justamente, a pior do município. O diretor estava lá, mas não quis receber o novo gestor. “Eu não conseguia entender a escola. Planejei uma estratégia da minha cabeça e acabou que, em um ano de trabalho, minha escola estava entre as melhores.”

Estalber Amarante Vieira, diretor do CAIC Raimundo Pimentel Gomes, em Sobral, passou por todo o ciclo para conquistar seu posto: prova, curso, dinâmica com psicólogos. A fala tranquila e pausada esconde uma determinação férrea. “Nasci numa família paupérrima, morávamos

PERTO DAS ELEIÇÕES,
O NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS
DAS ESCOLAS PÚBLICAS EM
SOBRAL TRIPLICAVA. NEM POR
ISSO AS CRIANÇAS APRENDIAM







“Nasci numa família paupérrima. Morávamos numa casa de palha que, um dia, pegou fogo. Perdemos tudo. Estou aqui hoje graças ao meu sonho”

ESTALBER AMARANTE VIEIRA, DIRETOR

em casa de palha, que, certo dia, pegou fogo. Perdemos tudo e fomos morar num quarto na casa do meu avô”, relata. “Estou aqui graças ao meu sonho. Só não cresce quem não quer.”

Estalber sonha com um Ideb ainda mais alto, o que não parece impossível para uma escola que, em 2009, conquistou um valoroso 7,2, melhorado para 8 em 2011. “Aqui em Sobral trabalhamos num ritmo muito forte, com diagnósticos e avaliações externas para cada criança”, reconhece o professor Vandeir José Barbosa de Mesquita. Apesar desse empenho pelo Ideb 9, Estalber não acredita que sua escola possa se transformar em um centro de treinamento para as avaliações federais. “O maior valor, para nós, é que a criança aprenda a ler e a escrever corretamente, tornando-se crítica e participativa. Cultura formal é essencial. Mas também ensinamos a paz, a tranquilidade, o respeito.” O foco na leitura e na escrita deu origem ao Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, o Paic, que de Sobral se espalhou para os 184 municípios do Ceará e, por sua eficiência, tornou-se programa do governo federal, rebatizado como Pnaic – com a letra “N”, de nacional.

Diretores também deveriam receber Educação continuada? A secretária da Educação do Estado do Ceará, Izolda Cela, não tem dúvida

Estalber Amarante Vieira,
diretor do CAIC (Centro
de Atenção Integral
à Criança) Raimundo
Pimentel Gomes,
em Sobral, Ceará

de que sim. “A formação dos diretores ainda é uma grande fragilidade do sistema. Eles recebem o aluno e ‘toma que o filho é teu’. O professor bom faz diferença na sua turma. O diretor bom faz diferença para todos.” Ela defende reuniões quinzenais no início da gestão e, depois, até mesmo formação a distância, mas sempre com foco na prática. Em Sobral, são realizadas reuniões mensais para trocar experiências, socializando estratégias em uma teia de aprendizagem.

ELES SABEM O QUE A CRIANÇA SABE

Nos municípios da Chapada Diamantina, na Bahia, atendidos pelo Projeto Chapada, formação do diretor é assunto sério e um dos pilares da atuação do Icep (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa). “Todos precisam aprender o tempo inteiro. Nenhum programa de formação continuada terá sucesso se um dos atores do processo estiver ausente”, acredita Giovana Zen, gestora pedagógica da entidade.

O trabalho do Instituto Chapada começa com o mapeamento do que sabem as crianças de cada município, medição que se repete ao longo do trabalho. Em seguida, definem-se o que elas precisam aprender, o que os professores precisam aprender para ensinar esses conteúdos às crianças, o que os coordenadores precisam aprender para apoiar os professores e o que as equipes técnicas das secretarias de Educação precisam aprender para ensinar... os diretores, que são chamados a se corresponsabilizar por questões pedagógicas, tradicionalmente deixadas a cargo dos coordenadores. Até os secretários de Educação entram na roda, justamente para criar e fortalecer uma formação continuada para os profissionais de Educação sob sua jurisdição. “A sala de aula é o ponto de chegada e o ponto de partida”, resume Giovana.

Lauro Roberto, ex-diretor da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, em Seabra, e professor da rede pública desde 1998, leva muito a sério o pressuposto de que o aluno é o foco de tudo, a razão de ser da escola. Em 2013, quando ainda dirigia a escola, havia 473 crianças sob

Lauro Roberto, ex-diretor da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, em Seabra, Bahia

“Meu pai ensinava na sala de casa, pois não havia escola. Eu sempre soube que ia me tornar professor”

LAURO ROBERTO, EX-DIRETOR





“Nossa caminhada para conquistar o melhor Ideb do Brasil começou em 2007. Essa vitória tem a nossa essência. É uma grande responsabilidade”

LEDA MÁRCIA DIAS DAL'LIN, DIRETORA

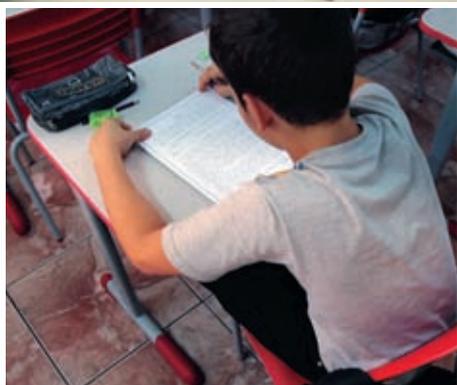
sua gestão. Ele conhecia cada uma graças a uma tabulação meticulosa e altamente individualizada, feita por uma equipe dentro da secretaria. Essa equipe contabiliza dados e avaliações de cada aluno em cada simulado e recuperação. A tabulação, estratégia bem particular da escola, orienta a aprendizagem, ou, como pondera Lauro, “não faria sentido tanto trabalho”. Ele já foi alfabetizador, trabalhou em universidades e em cursos pré-vestibulares. “Nunca soube o que é querer ser outra coisa que não professor.” Filho de um (o pai ensinava na sala de casa, porque na época não havia escola), ele acredita que o salário precisa ser bom, mas vê na responsabilidade desse profissional perante a sociedade o maior encanto da carreira. Ele próprio diretor por indicação, discorda desse método. “Um processo de eleição, democrático, realizado pela comunidade escolar, é mais adequado do que a indicação política.”

GESTORES “SOLARES”

Há nesses gestores “solares” uma interessante mistura de talento administrativo (natural ou aprendido), competência para ensinar (todos passaram antes pelo “chão da sala de aula” e conhecem bem as dificuldades e as alegrias dos professores sob sua regência), afeto (mesmo entre os de temperamento mais contido), empatia e bom senso (até quando a situação é limítrofe). Uma pequena crise recente na época da gravação do documentário, em 2013, na escola da diretora Leda Márcia Dias Dal’Lin, em Foz do Iguaçu, mostra como é delicado esse trabalho. Uma família havia incumbido a filha mais velha de levar o irmão menor à escola, onde ambos estudavam; a garota descumpriu o combinado e chegou sozinha – o pequeno veio atrás, e, com ele, o pai, fora de si com a desobediência. “Eu não presenciei o episódio, mas soube que ele tirou a cinta e agrediu a filha na frente de todas as crianças. Antes mesmo que eu pudesse chamar esse pai para uma conversa, a notícia correu e surgiram boatos de que eu levaria o caso ao Conselho Tutelar.” A primeira conduta de Leda, no entanto, foi tentar se colocar no lugar

Leda Márcia Dias Dal’Lin,
diretora da Escola
Municipal Santa Rita de
Cássia, em Foz do Iguaçu,
Paraná. Nas páginas a
seguir, imagens da escola







Rute Maria Lechkiv e o filho Reinaldo, 8 anos, aluno do 3º ano da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, em Foz do Iguaçu, Paraná

do pai. “Fiquei pensando: o que o teria levado a chegar a esse estado? Preferi ouvi-lo primeiro, e ele veio. Condenei sua postura diante da filha e das outras crianças; ele se justificou alegando em sua defesa a desobediência da menina e começou a descarregar a vida dele: o casamento ruim, as dificuldades para trabalhar... Se eu tivesse levado aquele pai ao Conselho Tutelar, apenas despertaria mais revolta. Conversamos muito e hoje eu o vejo diferente com a filha, conciliador. Nunca mais houve episódios de violência. Poderia ter sido um tiro no escuro, mas segui minha intuição e deu certo.”

Essa combinação de competências atua como um ímã sobre as crianças. “O Reinaldo está pronto muito antes da hora de ir para a escola”, comenta, encantada, a microempresária Rute Maria Lechkiv, dona de uma lanchonete em Foz do Iguaçu e mãe de aluno da Santa Rita. É uma relação muito diferente da que ela própria estabeleceu com sua escola, duas décadas atrás – um ambiente autoritário, com professores desinteressados ensinando sobre pedestais. “É como uma família: eu cuido daqui e eles cuidam de lá. São os segundos pais do meu filho.” Para Reinaldo, 8 anos, a Santa Rita é um “colégio maravilhoso”. Aluno do 3º ano, ele já pensou em forçar uma reprovação

para não ter de trocar de escola (em Foz do Iguaçu, o segundo ciclo do Ensino Fundamental é oferecido pela rede estadual, que ainda corre atrás da qualidade alcançada pelo Fundamental I, municipal). “Se eu não passar de ano, fico sempre na Santa Rita. O problema é que eu tenho que fazer faculdade”, explica o garoto, que quer ser engenheiro ou cantor. Rute também vai sentir saudade da escola. “Lá eles fazem cada homenagem no Dia das Mães que a gente fica sem chão! Coisa de novela, parece escola de rico. Dia da Criança, então, dura a semana inteira, com passeios e brincadeiras. Eles cuidam tão bonitinho que meu olho até enche de água.”

Atitudes quixotescas também fazem parte do plano de ação dos diretores das escolas públicas de qualidade. “Aqui em Cocal dos Alves,

“Meu filho está sempre pronto muito antes da hora de ir para a escola. É como uma família: eu cuido daqui e eles cuidam de lá. São os segundos pais do Reinaldo”

RUTE MARIA LECHKIV, MÃE DE REINALDO



“Não existe receita mirabolante: aqui tem aula e família e comunidade vendo isso, além de um grupo de professores que resolveu ser honesto”

NARJARA BENÍCIO, EX-DIRETORA

temos um grupo de professores que resolveu ser honesto, o que significa que nunca rouba um segundo de aula do aluno, um dia letivo”, afirma Narjara Benício, ex-diretora do Ensino Médio Augustinho Brandão. “Não existe receita mirabolante: aqui tem aula e família e comunidade vendo isso, se integrando.” Ao chegar a Cocal em 1996, vinda de Parnaíba, cidade vizinha, para fazer formação de professores, Narjara fez carreira rapidamente e com 20 anos tornou-se secretária de Educação do município. Uma de suas primeiras conquistas foi inserir os professores no meio acadêmico para dar a eles uma formação continuada, por meio de convênio com uma instituição de Ensino Superior de Parnaíba. O programa deu tão certo que Narjara se viu às voltas com mil pedidos de favorecimento – gente de outras cidades que queria fazer a formação por Cocal dos Alves, com recursos locais. “Eu enfrentei: só pessoas daqui poderiam ter acesso ao convênio. Tive que esconder papel timbrado para não permitir declarações. Mesmo assim vazou uma, tive meu primeiro embate e pedi minha primeira demissão.” Aurilene Vieira de Brito, a atual diretora, segue os passos da antecessora. “Construímos aqui uma fábrica de sonhos. Nosso maior desafio foi fazer os alunos acreditarem no nosso projeto: queremos que se tornem pessoas melhores, multiplicadores de ideias.” Seu comprometimento é tal a ponto de conseguir que os alunos permanecessem na escola à noite, para as duas últimas aulas, após uma queda de energia que durou uma hora e meia. É como diz Narjara: não se rouba tempo deles.

Narjara Benício,
ex-diretora do Ensino
Médio Augustinho
Brandão, em Cocal
dos Alves, Piauí





Professores cativantes que motivam

Na página anterior,
Socorro Vieira, professora
de biologia do Ensino
Médio Augustinho
Brandão, em Cocal dos
Alves, Piauí

O futebol pode ter perdido um craque, mas a sala de aula ganhou outro quando o aspirante a atleta Antônio Cardoso do Amaral decidiu trocar o gramado pelo giz e pela lousa. Nascido em Cocal dos Alves, Piauí, o professor de matemática do Ensino Médio Augustinho Brandão obteve a licenciatura em Parnaíba, no mesmo estado, e voltou para a cidade natal, onde passou a integrar o grupo que, na última década, vem transformando a escola em um centro de excelência. Simpático, amigo dos alunos, Amaral certo dia teve uma ideia: inscrever todos os seus estudantes na OBMEP, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, uma prova nacional que busca estimular o estudo da disciplina e revelar talentos. “No primeiro ano, 2005, os resultados foram bons e vêm melhorando”, conta ele. “As competições somam! Na busca por medalhas, os alunos cultivam sonhos e ambições. A escola ganha, porque surgem estudantes mais preparados para funções de monitoria e liderança.” Claudiana Veras de Brito, 12 anos, do 6º ano, resolve questões que já caíram nas Olimpíadas como “treineira”. Quando não entende, levanta o braço e lá vem o Amaral: “Ele explica só para mim, tudo de novo, até eu entender. E a sala toda fica em silêncio”. Amaral sente-se recompensado por ser professor. “É muito bom e dá muito orgulho. A gente se entrosa.”



É a devoção dos professores que faz a diferença no Augustinho Brandão, segundo o testemunho dos alunos. Claro que nenhuma equação que resulte em ensino público de qualidade tem apenas essa variável, mas o fato é que é no “chão da sala de aula” – como tantos professores se referem ao espaço que é deles por definição – que começa toda a transformação. A sensação que se tem nessa escola é a de uma grande família. “Aqui em Cocal eles não entram na classe, passam a matéria e saem: explicam seis, oito vezes até a gente entender. Não negam ajuda nem no sábado nem no domingo”, relata Maria Leandra de Araújo Siqueira, aluna do 2º ano do Ensino Médio. “Tenho vontade de ser professora por causa dos professores daqui. Às vezes a gente está cansada e de repente... vem uma aula perfeita de biologia. Pronto, passou.”

A tal “aula perfeita de biologia” costuma sair da cabeça da professora Socorro Vieira. Simpática e articulada, ama sua matéria e sonha fazer um doutorado em genética. Para ela, não é preciso inventar estratégias fantásticas para garantir a aprendizagem: bastam professores competentes e dedicados, alunos estudiosos e respeito entre ambos. “O que tem aqui é amor de mãe, dedicação e trabalho. Mesmo quando tenho que passar 20 minutos dando bronca nos alunos, eles abaixam a

Maria Leandra de Araújo Siqueira, aluna do 2º ano do Ensino Médio, e Antônio Cardoso do Amaral, professor de matemática, com alunos, todos do Ensino Médio Augustinho Brandão, em Cocal dos Alves, Piauí



“Procuro levar o máximo de conhecimento a cada dia. Se não flui, pergunto: ‘Onde foi que eu errei? Não vou vender meu peixe hoje?’”

SOCORRO VIEIRA, PROFESSORA

cabeça e me ouvem. Da mesma forma, quando um deles me corrige, eu abaixo a cabeça. Minha prática é levar o máximo de conhecimento que eu puder a cada dia. Minhas aulas são dinâmicas e busco a interação. Quando acabam, os alunos perguntam: ‘Professora, já terminou?’ Ela conta que tem vários ex-alunos cursando biologia, biomedicina e medicina graças a sua influência. Socorro garante se divertir muito com os jovens. “Quando entro em sala, eu incorporo um personagem do bem.” Há situações, claro, em que, por motivos variados, a aula não flui tão agradavelmente. A professora não perde a pose: “Onde foi que eu errei? Não vou vender meu peixe hoje?”. Não há aluno que não sorria da brincadeira, e o trabalho recomeça com outra energia no ar. Socorro trabalha em três turnos, tem pouco tempo para preparar as aulas e nomeia “secretários do conhecimento” em cada sala para garimpar e expor notícias. Pedestal não é com ela, filha de pai alcoólatra e única formada entre cinco irmãos. “Se me questionam, eu ganho conhecimento.”

MAIS DO QUE LER E ESCREVER

Alunos que desejam ir à escola aos sábados e domingos, que se municiam de argumentos e criticam respeitosamente o professor, que lamentam quando acaba a aula de biologia, que estudam com seriedade e sonham seguir a carreira de seus mestres. Isso tudo dentro de uma escola pública em uma região distante dos grandes centros brasileiros de produção de cultura. Assim como documentou a trajetória do Augus-

Socorro Vieira,
professora de biologia do
Ensino Médio Augustinho
Brandão, em Cocal dos
Alves, Piauí

OS ALUNOS APRENDEM TAMBÉM A SER CIDADÃOS, A REFLETIR SOBRE SEUS DIREITOS E A REALIZAR TRABALHOS EM EQUIPE

tinho Brandão, em Cocal dos Alves, a equipe do *Educação.doc* flagrou outras iniciativas espalhadas pelo País nas quais os alunos realmente aprendem – e não apenas a ler, escrever e fazer as quatro operações fundamentais: aprendem a ser cidadãos, a refletir sobre seus direitos e a trabalhar em equipe, desenvolvendo características como cooperação, persistência, disciplina e criatividade.

No mundo globalizado, esse conjunto de comportamentos, agrupados hoje sob a denominação “habilidades não cognitivas”, vem se revelando tão importante quanto os ensinamentos tradicionais para que se obtenha o almejado “sucesso na vida” – outro conceito que admite inúmeras definições. China e Coreia do Sul, países que nas últimas décadas se empenharam em melhorar a Educação – e chegaram lá, com excelentes resultados no Pisa, a prova internacional realizada a cada três anos para testar conhecimentos de matemática, leitura e ciências de alunos de 15 anos –, começam agora a se preocupar com esse corpo de habilidades que não foram alvo de atenção. Para a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que aplica o exame, as habilidades não cognitivas são a próxima fronteira da Educação.

Na EMEF Presidente Campos Salles, em São Paulo, o estímulo à cooperação é tão grande que, pela configuração atual da escola, o primeiro docente da escola é... outro aluno. A largada para essa mudança foi dada em 2004, quando três professoras pediram uma reunião com o diretor, Braz Nogueira, e lhe disseram que, apesar de a escola ter derubado os muros externos e criado um novo paradigma na integração com a comunidade, “dentro da sala de aula as coisas não estavam rolando”. Propuseram a ele que introduzisse ali uma experiência inspirada na Escola da Ponte, em Portugal, que agrupa os alunos em salões sem paredes, não por idade ou série, e sim por interesses, entregando o pro-

tagonismo ao estudante e assentando-se em valores como a solidariedade, a autonomia e a responsabilidade. “Minha primeira pergunta a elas foi: ‘Quantos alunos tem essa escola lá em Portugal?’ Elas responderam: ‘187’. Eu disse: ‘Nós aqui temos 1.800!’”, recorda Braz, que ainda assim ficou intrigado e foi pesquisar o assunto.

Convencido de que a mudança poderia beneficiar os alunos, submeteu a ideia ao Conselho Escolar em 2005 e, com o aval da secretaria de Educação, derrubou as paredes internas. Surgiram assim quatro salões, cada um deles com capacidade para pouco mais de cem crianças, que estudam em quartetos seguindo roteiros preparados antecipadamente pelos professores – e escolhidos por elas – abrangendo todo o conteúdo das séries iniciais do Ensino Fundamental. “Quando tem

**Salão da EMEF
(Escola Municipal de
Ensino Fundamental)
Presidente Campos
Salles, em Heliópolis,
São Paulo, sem paredes,
onde os alunos estudam
em pequenos grupos**



“Quando temos um problema, tentamos resolver primeiro com o aluno. Se não der, chamamos os pais. Eles ficam chateados, mas prestam atenção e dá resultado”

RAÍSSA PASSOS, 14 ANOS



dúvida, a criança recorre primeiro aos colegas do grupo. Se não entendeu, levanta a mão e um dos professores vai até ela para ajudá-la em sua dificuldade pontual.”

Pode acontecer, e acontece, de o professor ser de história e a dúvida, de matemática. E dá certo? Braz argumenta que se trata de Ensino Fundamental e que todos os professores têm acesso a todos os roteiros. “Por que a criança precisa saber tudo e o professor não? Temos uma docência partilhada.” Cada aluno é avaliado individualmente, com base em seu avanço dentro de cada roteiro. É natural que haja crianças em diferentes momentos do processo de aprendizagem, inclusive na alfabetização, o que cria uma dificuldade extra. Para lidar com isso, a coordenadora pedagógica, Amélia Fernandez, explica que há uma professora que trabalha exclusivamente com essas crianças. “Assume a tarefa quem gosta de alfabetizar.”

Nesse modelo em construção, novas questões surgem todos os dias, e as crianças fazem parte da busca de soluções: em cada salão, elas se organizam em comissões mediadoras, das quais sairão um(a) prefeito(a), vereadores(as) e secretários(as), compondo a estrutura que, na escola, ganhou o nome de “república”. Raíssa Passos, 14 anos, aluna do 8º ano, é prefeita de uma delas, eleita após campanha que contou com vídeo institucional, derrotando outros três candidatos. “A ‘república’ é a melhor coisa da escola”, conta ela, que, em seu cargo, pode convocar professores que andam fora da linha e até pais de alunos que atrapalham o grupo. “Primeiro tentamos resolver com o aluno. Se não der, chamamos o responsável. Os pais ficam chateados, mas prestam atenção e dá resultado.” Nicolý dos Santos, 10 anos, da 5ª série, vereador na gestão de Raíssa, arremata: “O Braz quer que a gente seja responsável pelas próprias atitudes”.

ELEITOS PELOS PRÓPRIOS ALUNOS, OS REPRESENTANTES TÊM PODER ATÉ MESMO PARA CONVOCAR PROFESSORES QUE ANDAM FORA DA LINHA

**Raíssa Passos,
à esquerda, e Nicolý dos
Santos, alunas da EMEF
(Escola Municipal de
Ensino Fundamental)
Presidente Campos
Salles, em Heliópolis,
São Paulo**

**Aulas na EMEF
(Escola Municipal de
Ensino Fundamental)
Presidente Campos
Salles, em Heliópolis,
São Paulo**

Por enquanto, o esforço dos professores, dos alunos e da direção da escola ainda não se refletiu nos números do Ideb, que, em 2011, caiu em relação a 2009. “Sinto angústia”, desabafa Braz. “Por outro lado, sei que esta escola está criando sujeitos capazes de transformar sua realidade e tomar decisões. Estou vendo o nascimento de um novo professor, de um novo aluno, mas todo parto tem dor.” Para melhorar o desempenho na escola, o diretor e sua equipe agora lutam para ter professores com jornada de trabalho com dedicação exclusiva – a maioria trabalha em mais de uma escola – e redução de 105 para 75 alunos, no máximo, por salão. Outro sonho, ainda distante devido ao sistema de ensino que a escola implementou, é garantir um time de professores engajados na proposta pedagógica. O professor José Celso, com 20 anos de profissão e hoje a serviço dos ideais da Escola da Ponte, relata que a equipe não é constante, pois nem todos comungam com o projeto. “Todo ano tem remoção, mudança. Esse trabalho em equipe nos deixa muito expostos.” Eder do Carmo de Souza, professor originalmente formado em matemática, concorda: “Estamos fora da zona de conforto, deslocados da posição de detentores do conhecimento. Graças a Deus!”

“Na Campos Salles, estamos fora da zona de conforto, deslocados da posição de detentores do conhecimento. Graças a Deus!”

EDER DO CARMO DE SOUZA, PROFESSOR



TUDO JUNTO E MISTURADO

A disponibilidade do docente para sair da zona de conforto e abrir-se para novos jeitos de ensinar também é vital na transformação da escola pública brasileira. Que o diga a professora de educação física Luciana Soares, do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro. Com base em um currículo mínimo preparado pelo estado, ela cria aulas cativantes, com música, dança e alegria, fazendo conexões espertas com outras disciplinas e motivando meninas e meninos a cuidar do corpo e da saúde por meio dos “projetos” – como são chamadas essas propostas multidisciplinares. Ela explica: “Somos uma escola de Ensino Médio Inovador, que busca tornar o

aluno protagonista, e o tipo de trabalho que se realiza quando se tem essa categoria é assim”. Mas Luciana vai muito além da encomenda. “Educação física não é sozinha: ela precisa da história, da química, da biologia. É se amar, buscar equilíbrio e bem-estar.” No primeiro bimestre de 2013, instigou os alunos

a um mergulho na história de jogos tradicionais do Rio de Janeiro, como amarelinha, pau na lata e peteca. “Quando propus, eles não queriam. Mas fizeram a parte teórica e apresentaram para o grupo.” Em novembro, por ocasião do Dia da Consciência Negra, articulou-se com os professores de humanidades para falar dos navios negreiros em meio a aulas de dança. Uma conversa sobre açaí, fruta que os alunos adoram, virou aula de nutrição, com explicações detalhadas sobre carboidratos e gorduras e estímulo para aprofundarem seus conhecimentos com pesquisas na internet. Para manter contato com os alunos mesmo nos dias em que não vai à escola, ela criou grupos no Facebook, por série. É nesses grupos que divulga o conteúdo para as próximas aulas, apostilas que muitos baixam pelo celular.

CONEXÕES ESPERTAS ENTRE AS DISCIPLINAS ESTÃO NO CORAÇÃO DOS PROJETOS DO COLÉGIO MOCHÓN

Aulas de educação física no Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro, e a professora Luciana Soares. Nas páginas a seguir, imagens da escola e do entorno



“Educação física precisa de história, química, biologia. É se amar, buscar o equilíbrio”

LUCIANA SOARES, PROFESSORA







Polêmico para muitos professores, o uso de *smartphones* em sala de aula tem um entusiasta no Colégio Mochón. É Marcel Costa, que dá aulas de português. “Quando houve o advento do celular, também cometi erros. Tentei proibir, mandei guardar, mas não adianta: eles colocam embaixo da mesa e começam a usar.” Ele então decidiu utilizar a tecnologia a seu favor. Ensinou aos alunos, por exemplo, que podiam criar atalhos para um dicionário gratuito e mesmo para a Wikipédia na tela do celular. “Quando permiti, os resultados foram muito bons. Proibir é se privar de uma ferramenta pedagógica. Bem direcionado, é espetacular. Não consigo me imaginar hoje trabalhando certos conteúdos em sala de aula sem que o aluno esteja utilizando o celular. Menciono um livro, um trecho, eles dão uma busca e já encontram.” Na selva digital, acredita ele, o professor deve atuar como bússola, orientando na busca de informações fidedignas e no aprofundamento delas. “É preciso sair da primeira página de ocorrências do Google. Sabendo usar, a internet é uma aliada, não uma inimiga.” Fiel a sua postura de se manter colado à realidade dos alunos para atraí-los à escola, Marcel recheia suas aulas com *rap* e *hip-hop* e inclui *best-sellers* entre as duas leituras obrigatórias a cada bimestre para suas turmas – o personagem Harry



Potter, por exemplo, divide espaço com clássicos como *O Senhor das Moscas*, de William Golding, publicado originalmente em 1954.

A leitura das grandes obras de todos os tempos também tem lugar de honra no Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, em Andaraí, Rio de Janeiro. Desde 2013, a escola aderiu às Comunidades de Aprendizagem, projeto que surgiu nos anos 1950 no Centro Especial de Investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades, da Universidade de Barcelona, espalhou-se por várias regiões da Espanha, chegou ao Brasil em 2011 e começou a ser adotado de fato em 2013. “É um conjunto de atuações educativas de êxito que estamos implementando”, explica a diretora-adjunta, Carla Aida de Oliveira. “Essas atuações começam na escola e se expandem para a comunidade por meio da participação das famílias, que apoiam a gestão na tomada de decisões no dia a dia”, complementa Carolina Briso, gestora do programa Comunidades de Aprendizagem, uma parceria entre o Instituto Natura e a Universidade de Barcelona.

Das sete práticas previstas pelo projeto espanhol, o Ginásio Epitácio Pessoa implantou três em 2013: os *grupos interativos*, que preveem a presença mediadora de um adulto entre os alunos nos grupos de

Marcel Costa, professor de português do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, em Padre Miguel, Rio de Janeiro



“Quando a gente começou a sonhar, meu sonho era participar do aprendizado, me sentir uma educadora. E ele se realizou!”

LUCIENE SANTOS, FUNCIONÁRIA

estudo, pessoa que não precisa ser um educador (como a mãe bancária que auxilia nas dúvidas de matemática, sua especialidade); as *comissões mistas*, que convidam toda a comunidade escolar a sonhar com o futuro que desejam para, em seguida, tentar realizá-lo; e as *tertúlias literárias*, rodas de leitura nas quais as crianças leem e se familiarizam com os grandes clássicos da literatura universal. “Os alunos combinam que trecho do livro será discutido e chegam com essa passagem lida. Estão lendo *Dom Quixote*, *Romeu e Julieta*, *O Retrato de Dorian Gray*”, orgulha-se Carla, a diretora-adjunta. “As discussões são atuais. O 9º ano, por exemplo, está lendo *As Mil e Uma Noites* e debatendo sobre a mulher tratada como objeto.” No primeiro semestre de 2014, a escola iniciou uma quarta prática: a *biblioteca tutorada*. “No horário de almoço, as crianças podem ficar na biblioteca, seja para ler, seja para se dedicar a jogos de raciocínio, como xadrez, sempre com orientação de tutores”, explica Carla.

Toda a comunidade escolar pode tomar parte, o que a servente adaptada Luciene Santos, que há 12 anos reside na escola, faz com grande alegria. “Eu participo ativamente dos grupos interativos e das tertúlias. Quando a gente começou a sonhar, meu sonho era participar do aprendizado da escola, me sentir uma educadora. E ele se realizou!”, conta ela. Uma das tarefas de Luciene é fechar os portões quando se encerra o período escolar – integral, das 8 às 16 horas. “Mas eles gostam tanto da escola que demoram, a gente tem que dizer: ‘Menino, olha a hora!’. Eles sempre encontram o que fazer.”

Luciene Santos,
servente adaptada do
Ginásio Experimental
Carioca Epitácio Pessoa,
em Andaraí, Rio de Janeiro

MUITO MELHOR QUE PROVA

Mesmo que no começo possam ser recebidos com alguma desconfiança, projetos especiais sempre acabam injetando novo ânimo na escola e impulsionando o aprendizado. Nas cidades unidas em torno do Projeto Chapada, no interior da Bahia, a melhoria do ensino ganhou força com a formação continuada dos professores. O primeiro diagnóstico sobre o nível de aprendizagem de cada criança em leitura, produção de texto e matemática serve de base para que professores e coordenadores planejem as atividades dos meses seguintes. Há ainda um diagnóstico intermediário, a tempo de corrigir a rota, e outro final, para preparar a prática para o ano seguinte. “Olhamos todas as escritas individualmente



e conseguimos acompanhar o desenvolvimento de cada criança. Isso rende grupos de estudo”, explica Maria Lúcia Santos, coordenadora pedagógica de duas escolas municipais em Ibitiara, Bahia, a Caimbongô, que tem classes multisseriadas, e a Maria Marcolina Xavier. Ela define como seu primeiro trabalho a formação continuada de professores. “Antes da formação continuada, até criança de Educação Infantil tinha prova. Hoje entendemos que o diagnóstico que fazemos é um instrumento muito mais preciso para saber quanto aquele aluno aprendeu. Os professores fazem relatórios individuais de cada um.”

Para essas escolas, a figura do coordenador é relativamente recente – e, ao menos no começo, nem sempre bem-vinda. “O professor pode colocar em dúvida o trabalho do coordenador”, admite Janaína Barros, coordenadora da Escola Municipal Professora Ivani Oliveira, de Seabra, que também integra o Projeto Chapada. “É bom que eles tenham dúvidas, senão já estariam prontos. Mas, quando eu apresento resultados, eles se tornam aliados.” Para assegurar um bom ensino, Janaína aponta a importância do tempo de planejamento de aula e estudo. “Aqui em Seabra, nosso projeto político-pedagógico garante oito horas semanais para isso. O diretor tem que entender que isso caracteriza um cuidado com o aluno.”

Escolhida entre colegas, Maria Lúcia teve de se esforçar muito para conquistar o apoio dos professores, mesmo porque ela passou a acompanhar aulas com outro olhar, mais crítico, até filmando as atividades para discuti-las depois. “Com o tempo, fui ganhando a confiança deles. O bom é que, pelas diretrizes do projeto, todos recebemos formação continuada. Quem faz a minha é a supervisora. Funciona como uma teia.” A professora Adriana de Almeida Oliveira rege uma das salas multisseriadas e, depois de algum estranhamento inicial, só tem elogios

DIAGNÓSTICOS DO AVANÇO DE CADA CRIANÇA EM DIFERENTES MOMENTOS DO ANO LETIVO PERMITEM CORREÇÕES DE ROTA E GARANTEM A APRENDIZAGEM

A professora Adriana de Almeida Oliveira e sua turma multisseriada na Escola Municipal de Caimbongô, em Ibitiara, Bahia. Nas páginas a seguir, imagens da escola e do entorno



“Há 13 anos, Ibitiara não conseguia alfabetizar 10% das crianças ao final do 2º ano. Atualmente, no meio do ano, 87% já se alfabetizaram”

GISLAINY ARAÚJO, COORDENADORA PEDAGÓGICA DO ICEP

para a parceria. “De cara, não gostei. Mas a gente não sabia o que era. Hoje percebo que a coordenação ajuda muito, sem tirar minha autonomia dentro da sala de aula. Antes eu realizava um trabalho isolado. Hoje peço opinião, pois a coordenação é sensível à realidade da prática na sala de aula.” Na formação continuada, quinzenal ou mensal, Adriana troca experiências com os colegas, buscando novas saídas para dilemas de sua turma. Para os professores, a formação é uma ressignificação da prática, e os resultados são excelentes. “Há 13 anos, a rede de Ibitiara não conseguia alfabetizar 10% das crianças ao final do 2º ano”, lembra a coordenadora pedagógica territorial do Instituto Chapada, Gislainy Araújo. “Atualmente, entre esses meninos de 7 anos, no meio do ano [2013] já tínhamos 87% alfabetizados. Em pouco mais de uma década, a escola assegurou a essas crianças o direito de aprender.”

Planos de diagnóstico individual e correção também foram essenciais para a rápida melhoria da rede de Educação de Sobral, no Ceará. Lá, veem-se professores ansiosos pelos resultados das avaliações, querendo saber quem foi bem ou não, se tal aluno adquiriu ou não uma habilidade especialmente trabalhada em sala. Ao diagnóstico segue-se um dia de planejamento, com reforço e, se necessário, material escolar extra. Na etapa seguinte, a coordenadora pedagógica, Cidmary Ximenes de Melo, do CAIC Raimundo Pimentel Gomes, entra em sala de aula para observar o trabalho do professor e depois se reúne com ele para fazer a devolutiva. “Não é um diálogo fácil nem mesmo para quem vive avaliando os outros – no caso, as crianças. Mas é necessário, porque nossa rotina de trabalho nos cristaliza, pode tornar tudo mecânico.” Às vezes,

Gislainy Araújo,
coordenadora pedagógica
territorial do Icep
(Instituto Chapada de
Educação e Pesquisa)



AVALIAÇÕES SÃO VITAIS PARA O APRENDIZADO, POIS CERTO GRAU DE ESTRESSE LEVA À FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE O ASSUNTO ESTUDADO

Sarah Pesniak Martins com o pai, Neemias Martins, e a colega Mylena Dias Krüger. As duas são alunas do 5º ano da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, em Foz do Iguaçu, Paraná

Cidinha, como é mais conhecida, deixa para o dia seguinte, quando percebe o professor muito cansado, de cara feia. No entanto, sempre fala. “Penso como escola”, explica, com pragmatismo. “Autoridade não funciona, mas diálogo e convencimento, sim. Aqui todos os nossos professores são líderes, é difícil o consenso, mas a gente sempre se entende.”

Para os alunos, a avaliação, muitas vezes, ainda representa um momento de tensão. “Na minha escola, os professores querem de verdade que a gente aprenda. Eles dizem que isso vai fazer um futuro melhor”, afirma Sarah Pesniak Martins, 10 anos, aluna do 5º ano da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, em Foz do Iguaçu, Paraná – a escola com o Ideb mais alto do Brasil, 8,6. Mesmo sabendo que avaliações fazem parte

da vida, a estudante, entrevistada no segundo semestre de 2013, sentia “arrepios” diante da proximidade da Prova Brasil daquele ano – o exame que determinaria o Ideb da escola na próxima avaliação. “A professora disse que uma nota baixa interfere na nota de todos. Não é uma prova comum.” Essa tensão cumpre uma função: evidências da psicologia cognitiva indicam que fazer

prova é fundamental para aprender. Há certo grau de estresse que leva à formação de uma memória sobre o assunto estudado; sem essa tensão, a memória não se consolida, embora em excesso também seja prejudicial ao aprendizado. Além disso, o conhecimento se enfronha mais rapidamente quando as provas são cumulativas, ou seja, nenhum conteúdo é dado como certo e tudo sempre pode “cair na prova”.

Stefane Barbosa, do CAIC Raimundo Pimentel Gomes, em Sobral, Ceará, não tem medo de ser avaliada. “Eu me concentro e faço. Sei que prova serve para eu passar de ano, mas também para complementar a aprendizagem”, explica, incorporando na fala infantil o linguajar pedagógico da escola. No Raimundo Pimentel Gomes há também um cor-

po a corpo com o aluno às voltas com dificuldades, que se traduz em atenção mais direta e intensiva por parte do professor ou de reforço no contraturno. “Eu sei o ponto fraco de cada uma das minhas 76 crianças de 5º ano”, declara a professora Ana Cyzia Ximenes de Melo, cinco anos de “chão de sala”, dois vestibulares fracassados para psicologia e, finalmente, aprovada e formada em pedagogia. Foi boa a troca? “Se eu fosse psicóloga, não conseguiria resolver os problemas que resolvo como professora. A Educação é uma arma para a mudança. Apresenta as regras e os valores que nem sempre a família tem tempo de passar. Sabemos de pais que nem sequer estão em casa na hora de acordar os filhos, porque saíram às cinco e meia da manhã. A escola pode ajudar.”





“Nosso trabalho é insubstituível, porque todo mundo começa a vida num banco de escola: o médico, o advogado, o presidente. Mas a minha motivação é o amor”

ADRIANA CASTELLI, PROFESSORA

Com clareza, Ana consegue mapear as muitas asperezas da profissão: salas com muitos alunos – algumas com até 37 –, questões salariais, a frustração de nem sempre alcançar todos, a dor de ver famílias desestruturadas e pais viciados. “Lá tive aluno que me disse: ‘Tia, meu pai é traficante, ele ganha muito mais do que um professor’. Faltam modelos no nosso país, há lideranças que derrubam tudo o que a gente começa a construir.” Ainda assim, embora almeje o reconhecimento como profissional do ensino, ela não perde a esperança de dias melhores. “O prazer disso tudo aqui é a transformação.”

Como Ana, a professora Adriana Castelli, da Escola Municipal Santa Rita de Cássia, também sonhava com outra área, o direito, mas não passou no vestibular e voltou-se para a pedagogia. Com apenas dois anos de “chão”, está apaixonada pela carreira que escolheu. “Minha motivação é o amor, ver meus alunos bem-sucedidos e que se lembrem de mim no futuro. Nosso trabalho é insubstituível, porque todo mundo começa a vida num banco de escola: o médico, o advogado, o presidente.”

Adriana Castelli,
professora, e alunos
em sala de aula da
Escola Municipal Santa
Rita de Cássia, em
Foz do Iguaçu, Paraná





Como será a escola do futuro que sonhamos?

Na página anterior, Márcia Naiana do Nascimento, aluna do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, em Andaraí, Rio de Janeiro. Na próxima página, cenas das escolas do presente que se preocupam com o amanhã: diálogo, cultura e tecnologia conviverão cada vez mais intensamente

Nas entrevistas realizadas para o documentário *Educação.doc*, houve uma pergunta que todos foram convidados a responder – alunos, pais, professores, gestores, pensadores da Educação: como será a escola do futuro? Mais do que falar de espaço e tecnologia, a pergunta embute dilemas profundos: como vão aprender as crianças de amanhã, nascidas sob o signo da internet, do compartilhamento rápido de informações, do distanciamento do “olho no olho”? Que papel terá o professor nos dias que virão – agora que toda a informação está a uma tecla de todos nós? Em entrevista ao documentário, o artista plástico Vik Muniz, ele próprio egresso de escola pública, lembra que temos atualmente, diante de nós, um verdadeiro *Livro de Areia*, referência ao clássico do escritor argentino Jorge Luis Borges. “Nesse livro, cada página que você vira o leva a uma página de outro livro. Lembro de ler quando menino e ficar imaginando esse livro de conhecimento infinito. Hoje a gente tem esse *Livro de Areia*: são as páginas da internet. É maravilhoso sentar na frente do computador e sentir que você pode aprender o que quiser”, diz ele.

Como é natural, a pergunta falsamente simples desencadeou uma gama de respostas oscilando entre o que se deseja da aprendizagem do futuro e as características que, de forma mais pragmática, combinam





com as competências que serão cobradas dos cidadãos do século 21. A escola será formadora, sim, já que a Educação sem conteúdo formal não oferece novas perspectivas: educar é deixar uma herança que não tem testamento, um cabedal de conhecimentos que se lega aos filhos para fazerem dele o que bem entenderem. Será um lugar no qual o passado tenha algo a dizer, mas que acolha sem restrição as crianças do presente, inspirando-as a se comprometerem com o planeta.

Para alguns, não deveria ter carteiras, como no modelo tradicional, já que *compartilhamento* é palavra-chave, definidora, do século que apenas começa. Acredita-se que a aprendizagem do futuro não se dará por séries: alunos com interesses e patamares de aprendizagem próximos se juntarão em pequenos grupos para trocar saberes e dúvidas – o que evoca a experiência da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, em Heliópolis, São Paulo, mesmo que ali os resultados ainda não sejam os desejados. Até a sala de aula está sob escrutínio. Será que as crianças precisam ficar sentadinhas em carteiras e fechadas em um ambiente para aprender? Será que a própria cidade, com suas ruas e praças, também não deveria ser espaço de aquisição de conhecimento? Para alguns educadores, a cidade é uma escola e, como tal, também tem papel educativo. No momento em que os estudantes reconhecerem as ruas como seu território, toda a sociedade se renovará. As escolas talvez sejam menores, com professores dedicados apenas a uma instituição, clareza de responsabilidades e conhecimento profundo de quem é cada aluno, com suas fraquezas e forças.

A fragmentação das disciplinas que caracteriza o segundo ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio é outro ponto de questionamento. Já não se aceita com naturalidade que os alunos simplesmente

A NOVA ESCOLA SEMPRE SERÁ
FORMADORA, POIS EDUCAR É
DEIXAR UMA HERANÇA QUE NÃO
TEM TESTAMENTO, UM CABEDAL
QUE SE LEGA AOS FILHOS

Escolas que estimulem a cooperação, sem séries, agrupando crianças por interesses, e em ambientes abertos: o futuro começa a se desenhar

“fechem a janelinha” da matemática ao final de 50 minutos de aula e “abram” a de geografia, a de história ou a de português. Novamente, ouve-se a palavra *compartilhamento*: a aprendizagem no futuro se apoiará cada vez mais em projetos interdisciplinares, com as matérias conversando entre si em conexões límpidas e interessantes. Impossível não se lembrar dos projetos do Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón, no Rio de Janeiro, onde a professora de educação física, Luciana Soares, transporta para a aula de esportes o mundo da biologia, da química... As escolas públicas de qualidade retratadas no documentário *Educação.doc* já estão, de certa forma, antecipando o futuro com que sonham os pensadores da Educação.

ACOLHIMENTO E DESAFIO

Na boa experiência escolar do futuro, todas as crianças aprenderão. O que parece óbvio é, na prática, a luta diária dos professores das oito escolas públicas de qualidade apresentadas neste livro – e de qualquer boa escola devotada à missão primordial de ensinar. Não basta ter professores que saibam a matéria; mais do que isso, é preciso que saibam como a criança aprende. Afinal, não se quer “perder” nenhum aluno, o que pede o comprometimento de toda a equipe escolar e da comunidade, mas se realiza, efetivamente, na sala de aula, entre professor e aluno. E esse convívio deverá proteger a dúvida – o velho ditado “É errando que se aprende” não tem prazo de validade – e acolher a criança que pergunta, pois a dúvida é a base do conhecimento, é o que provoca o deslocamento do não saber para o saber. A escola do futuro será acolhedora, mas terá desafios à altura de cada criança.

Se no passado a escola era o lugar para adquirir informação e o professor ensinava do alto de um pedestal, a tendência é que a aprendizagem do futuro se dê na interação e no diálogo, valorizando o contato entre educador e aluno. Com o conhecimento compartilhado pela internet e a percepção de que cada criança traz consigo uma bagagem,

A aprendizagem do futuro se dará cada vez mais na interação e no diálogo, valorizando o contato entre professor e aluno





“Há um bombardeio de informação, e o papel do professor é moderar. Estamos todos aprendendo alguma coisa nova a todo instante”

WALMIR NUNES JÚNIOR, PROFESSOR

a escola deverá se transformar, cada vez mais, no lugar onde a informação será depurada, interpretada, tratada. O professor ganhará status de mediador e estará, tal como seus alunos, aprendendo algo novo o tempo todo, já que o conhecimento se difunde. “Há um bombardeio de informação, e o papel do professor é moderar”, observa o professor de português Walmir Nunes Júnior, do Colégio Mochón. Em sala de aula, com cada vez mais frequência, todos serão pesquisadores, cabendo ao professor direcionar a investigação. Esse “mentor” terá formação inicial mais forte e se aprimorará graças à Educação continuada. O professor se tornará cada vez mais importante na sala de aula.

Há quem acredite que os professores serão polivalentes, como os do Ginásio Experimental Carioca Epitácio Pessoa, capazes de abraçar conhecimentos múltiplos e de explicar de forma até mais simples conceitos que professores especialistas tendem a tornar solenes. JR é formado em ciências físicas e biológicas, dá aula de matemática nessa escola e compartilha com o colega que dará aula de ciências o melhor jeito de explicar às crianças o que é uma célula, por exemplo. “É uma troca em que todos crescem”, acredita ele. A carreira deixará de atrair heróis e românticos, abrindo-se para acolher os melhores, como ocorre nos países campeões do Pisa. As escolas, por sua vez, deixarão de ser centros de domesticação para transmutar-se em lugares de emancipação do ser humano para o convívio e o questionamento.

**Walmir Nunes Júnior,
professor de português
no Colégio Estadual
Monsenhor Miguel de
Santa Maria Mochón,
em Padre Miguel,
Rio de Janeiro**



Jean Carlos, 19 anos,
aluno do 2º ano do
Ensino Médio Augustinho
Brandão, em Cocal dos
Alves, Piauí

OS DILEMAS DO TEMPO INTEGRAL

A aprendizagem do futuro, para muitos entrevistados, se dará em tempo integral. Várias das escolas apresentadas no documentário já funcionam dessa maneira. “É vantajoso para nós, porque os professores estão de olho no nosso estudo, vigiam”, acredita Jean Carlos, 19 anos, aluno do 2º ano do Ensino Médio Augustinho Brandão, em Cocal dos Alves, Piauí. Ele trabalhava na roça e estudava, até ganhar medalha de ouro em uma Olimpíada de Matemática em 2009, quando a família passou a incentivá-lo na dedicação aos estudos. O futuro, para Jean, é trabalhar... em uma escola como essa em que ele estuda.

Manter a criança por muitas horas na escola é um recurso valioso em áreas conflagradas, como Heliópolis, em São Paulo, ou Padre Miguel, no Rio de Janeiro, pois isso as resguarda do aliciamento do tráfico, ao oferecer um leque de atividades interessantes no turno complementar. No entanto, é preciso criar uma grade eficiente para afastar o risco de dividir o tempo escolar entre as atividades “chatas” – português, matemática etc. – e as “divertidas” – esportes, grupos de teatro, artesanato, maquiagem. Aproveitar da melhor maneira o tempo do aluno na

escola é uma questão ética: é da vida dele que se trata. Impossível não se lembrar de Narjara Benício, ex-diretora do Augustinho Brandão, que afirma jamais ter roubado um segundo de aula de seus alunos.

Embora as novas tecnologias venham à mente da maioria dos entrevistados quando o assunto é aprendizagem no futuro, para muitas elas são secundárias. Ninguém duvida que será imprescindível que a escola dialogue com a internet e com as novas formas de encontro proporcionadas pelas redes sociais – como, aliás, muitas já fazem. Mais importante, porém, será valorizar as habilidades não cognitivas, tão vitais quanto o ar no ambiente globalizado. Um exemplo: fabricar um carro, hoje, envolve pelo menos meia centena de países, responsáveis pela produção de peças, tecnologia, montagem, mão de obra. Cooperação, persistência e criatividade valerão tanto quanto a inteligência convencional. Convencidos disso, os japoneses, sempre bem colocados no Pisa, começam a introduzir brinquedos de tamanho grande já na pré-escola, obrigando, assim, a criança a pedir ajuda ao colega na hora de montá-lo.

Por fim, a escola do futuro deverá ser aquele espaço onde toda criança e adolescente possa desenvolver seus potenciais. Um lugar que privilegie a experimentação, quase um laboratório. Uma ágora, nome que os gregos antigos davam às praças públicas de suas cidades, espaços democráticos onde se realizavam assembleias para debater os grandes temas da comunidade. Nessa escola do futuro, que já começa a se desenhar nos exemplos trazidos pelo *Educação.doc*, será possível resgatar as coisas mais antigas do mundo: amar e criar; conviver com o passado, o presente e o futuro; brincar, mesmo que se seja grande. Lá, cada palavra nova aprendida será um degrau na escada do conhecimento, e cada aluno se tornará um colecionador de palavras. Que ela seja o disparador da vontade de aprender – para o resto da vida.

SERÁ POSSÍVEL RESGATAR
AS COISAS MAIS ANTIGAS DO
MUNDO: AMAR, CRIAR E BRINCAR,
MESMO QUE SE SEJA GRANDE





Uma jornada de desafio e encantamento

Na página anterior, gravação na Escola Municipal de Caimbongo, em Ibitiara, Bahia. Na próxima página, bastidores do documentário, a partir do alto, à esquerda, em sentido horário: Luiz Bolognesi em Sobral, Ceará; a equipe prepara as gravações em Ibitiara, Bahia; a chegada à Chapada Diamantina, Bahia; imagens de Cocal dos Alves, Piauí

Para dar voz aos verdadeiros transformadores da Educação brasileira, a equipe do *Educação.doc* viajou mais de 12 mil quilômetros pelo País, do Piauí ao Paraná, no segundo semestre de 2013. Era o ponto alto de quase um ano de trabalho, que começou com a pesquisa de campo realizada pelo jornalista Thiago Iacocca. Coube a ele visitar antecipadamente as escolas selecionadas para participar do documentário, verificando se cumpriam de fato os requisitos decididos pela direção. Além disso, levantou o nome de possíveis entrevistados em cada local e colheu informações sobre a participação deles na estratégia de sucesso da escola, preparando o terreno para a chegada da equipe.

O time era pequeno de propósito. À parte o orçamento enxuto, a direção do documentário temia que, se levasse muita gente a cada escola, os entrevistados, pouco familiarizados com câmeras e claquetes, pudessem “travar”. A ideia era criar um clima de intimidade entre o diretor, Luiz Bolognesi, a codiretora, Laís Bodanzky, e seus entrevistados, deixando-os confortáveis para falar não apenas sobre sua relação com a Educação, mas também sobre como a escola havia mudado – ou estava mudando – sua vida. Todos os profissionais envolvidos no projeto, dos diretores de fotografia e produção ao técnico de som, além dos próprios





A partir do alto, à esquerda, em sentido horário: © Carlos Ballú, © Luiz Bolognesi, © Guilherme Ayrosa (arquivo pessoal), © Luiz Bolognesi

diretores, perceberam desde o começo que seria uma jornada cheia de aventuras. “Todo mundo sabia que não teríamos os confortos de gravar num estúdio e que seria preciso carregar peso, literalmente”, conta Luiz. Não houve objeção: a equipe toda, já àquela altura e antes mesmo de a viagem começar, estava apaixonada pela ideia do documentário.

Todas as entrevistas foram realizadas dentro de escolas públicas. Mesmo os especialistas e convidados ouvidos pelos documentaristas se deslocaram até instituições que abriram suas portas para servir de locação. Luiz conta que a intenção era que “eles entrassem no clima”. “Muitos não iam a uma escola pública fazia muitos anos e ficaram surpresos com o que viram. Sem falar que entrevistar pessoas como a filósofa Viviane Mosé e a atriz Camila Pitanga dentro de uma sala de aula dava outra dimensão ao que elas diziam”, complementa Laís. Um entre vários, o artista plástico Vik Muniz, recém-chegado ao Rio de Janeiro após uma viagem internacional, atravessou a cidade até Padre Miguel, na zona oeste, para relatar sua experiência como aluno de escola pública. Luiz conta que alguns profissionais de Educação procurados se dispuseram a dar entrevista apenas se a equipe fosse a seu gabinete, mas, como a direção não abriu mão de gravar no ambiente da escola, acabaram ficando de fora do documentário.

O ponto de partida foi Cocal dos Alves, no Piauí. Após uma longa viagem de avião e van, o grupo chegou à cidade quente, localizada em plena caatinga. Dias depois, quando partiram para Sobral, parada seguinte, todos ainda estavam impactados pelo que tinham visto e filmado: professores com brilho nos olhos, engajados na aprendizagem de seus alunos, estes articulados e dedicados ao estudo, atuando em parceria em uma escola bem cuidada – e com ar-condicionado em todas as salas. Luiz recorda: “Quando fomos gravar na casa de uma estudante,

TODAS AS ENTREVISTAS, INCLUSIVE DE PENSADORES DA EDUCAÇÃO, FORAM REALIZADAS EM ESCOLAS PÚBLICAS

A partir do alto, à esquerda, em sentido horário: Laís Bodanzky com Rute Maria Lechkiv e o filho Reinaldo em Foz do Iguaçu, Paraná; interior de casa em Sobral, Ceará; a equipe em Foz do Iguaçu; e filmagens no Colégio Mochón, no Rio de Janeiro

HOUVE MOMENTOS DE TENSÃO, ESPECIALMENTE NAS ÁREAS DOMINADAS PELO TRÁFICO DE DROGAS

A partir do alto, à esquerda, em sentido horário: Laís Bodanzky com a assistente social Leila, em Foz do Iguaçu, Paraná; Luiz Bolognesi com a diretora Marly, em Andaraí, Rio de Janeiro; entrevista com o professor Amaral em Cocal dos Alves, Piauí; e Luiz Bolognesi com a estudante Nicolý e sua mãe em Heliópolis, São Paulo

Franciele de Brito, demos carona a ela na nossa van. Depois de alguns comentários afáveis, ela pediu licença, abriu um livro e começou a estudar. Quer ser médica e não tem um minuto a perder”.

A boa impressão captada em Cocal dos Alves se repetiu cidade após cidade, entrevista após entrevista. O calor, os hotéis precários, algumas vezes infestados de baratas, as vans em más condições, a câmera europeia que se recusava a funcionar sob o sol do Nordeste – nada desanimava a equipe do *Educação.doc*, que já havia partido de São Paulo com espírito expedicionário. Houve, claro, momentos de tensão, especialmente nas escolas encravadas em territórios dominados pelo tráfico de drogas. As próprias instituições obtiveram com os chefões autorização para as filmagens. Luiz conta que em Heliópolis,

São Paulo, receberam ordem de não registrar nada fora da escola. “Acontece que cineasta é um bicho apaixonado, quando vê já levantou a câmera e começou a gravar. Eu tinha que abaixar o equipamento o tempo todo. Sabíamos que os traficantes estavam sempre nos vigiando e precisávamos ter cuidado.”

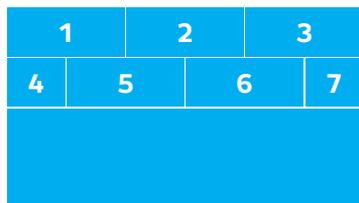
Na volta do périplo por parte das escolas do Nordeste, o diretor constatou que retornava a São Paulo com dois HDs contendo todas as entrevistas realizadas nas escolas da região. Eram os únicos registros do mergulho no ensino público de excelência em Cocal dos Alves e Sobral. “Vocês estão ficando loucos?”, perguntou à equipe, entregando um dos HDs a outro colega, para dividir a responsabilidade pela segurança do conteúdo. “Se esse material se perdesse, seria o fim de um tesouro. Mesmo que voltássemos àqueles lugares e entrevistássemos de novo as mesmas pessoas, não teríamos um resultado tão espontâneo. Era ouro puro.” O material chegou são e salvo às ilhas de edição da Buriti Filmes, em São Paulo, a produtora do *Educação.doc*, e deu origem à série inspiradora a que você poderá assistir no DVD que acompanha este livro.





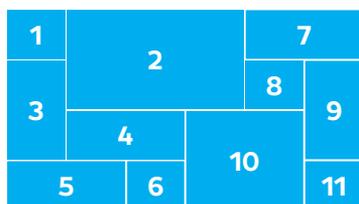


CRÉDITOS ADICIONAIS DE IMAGENS



PÁGINAS 6-7

Carlos Baliú (1 e 3); Paulo Michel Nunes (2, 4, 6 e 7); Flávia Tonalezi (5)

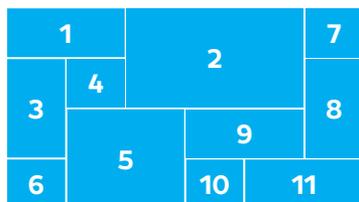


PÁGINAS 36-37

Guilherme Ayrosa (2); Thais Degiovani (3, 7, 8 e 11); Luiz Bolognesi (6 e 9)

PÁGINAS 100-101

Guilherme Ayrosa (1 e 6); Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón (3, 7 e 11)

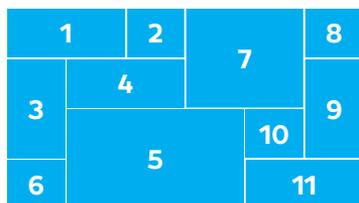


PÁGINAS 44-45

Guilherme Ayrosa (1)

PÁGINAS 108-109

Thais Degiovani (2, 5 e 8); Luiz Bolognesi (6 e 10)



PÁGINAS 54-55

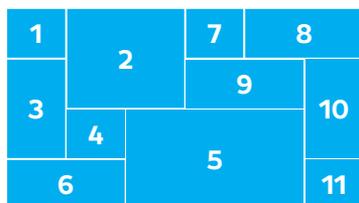
Thais Degiovani (1, 3 e 10)

PÁGINAS 80-81

Thais Degiovani (1, 3 e 11); Carlos Baliú (8); Guilherme Ayrosa (2)

PÁGINAS 136-137

Thais Degiovani (1, 3, 8 e 9); Guilherme Ayrosa (2, 4, 5 e 7); Flávia Tonalezi (6); Carlos Baliú (10 e 11)



PÁGINAS 72-73

Luiz Bolognesi (10)

Educação.doc – Educação pública de qualidade

Créditos da série de documentários

DIREÇÃO E ROTEIRO

Luiz Bolognesi

CODIREÇÃO

Laís Bodanzky

PRODUTOR EXECUTIVO

André Canto

MONTAGEM

Ricardo Farias

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Carlos Baliú

PESQUISA

Thiago Iacocca

TÉCNICO DE SOM DIRETO

Guilherme Ayrosa

TRILHA

Barbatuques

Siba

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Flávia Tonalezi

ASSISTENTE DE MONTAGEM

Luiz Paulo Iazzetti

PRODUTOR

Marcos Vivan Nogueira

TRANSCRIÇÕES

Carolina Hamburger, Jonas Pimentel

ARTES GRÁFICAS

Animações: Ricardo Farias, Luiz Paulo Iazzetti

FOTOGRAFIA

Assistente de câmera: Márcio Koga

Câmera adicional: Gabriel Teixeira

Eletricistas: Sílvio Ferreira Loggers, Paulo Michel Nunes, Leo Cavalcante

Still: Carlos Baliú

NARRAÇÃO

Voz em off: Luiz Bolognesi

EQUIPE BURITI FILMES

Coordenadora administrativo-financeira: Andréa Marcondes

Assessoria jurídica: Selma Melo

Assistente financeira: Thaís Lima

Assistente de produção executiva: Emmanuel Vidoto

Designer gráfico: Jeff Barbosa

EQUIPE INSTITUTO BURITI

Supervisora de projetos: Daniela França

Auxiliar administrativo-financeira: Márcia de Almeida Silva

Analista de administração de pessoal: Elaine de Moraes Oliveira

Analista de projetos sociais: Camila Araujo

Secretária administrativa: Rafaela Carvalho

Auxiliar de limpeza: Nanja Quaresma

Motoboy: Bruno Almeida

PÓS-PRODUÇÃO

Colorista: Luiz Paulo Iazzetti

ESTÚDIO DE SOM E MIXAGEM

Full Mix Estúdios

Mixagem: André Tadeu

Supervisão de mixagem: Armando Torres Jr.

Assistente de mixagem: Andréia Freire

Coordenação de produção: Débora Arima

Coordenação técnica: Paulo Servello

Gravação/locução (off): Vox Mundi Audiovisual

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Bruno Bernardes

Cláudia Lira

Eugênia Moreyra

Francisco Bulhões

Françoise Trapenard

Gabriella Bighetti

Luciano Monteiro

Luiz Nascimento

Pedro Villares

Tatiana Filgueiras

Thais Degiovani

Viviane Senna

Wagner Moura

E a todos os profissionais editados ou não nesse documentário, que compartilharam conosco seu conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ancine – Agência Nacional de Cinema
CCR
Editora Moderna
Fantástico (TV Globo)
Fundação Telefônica Vivo
GloboNews
Instituto Ayrton Senna

Centro de Atenção Integral à Criança Raimundo Pimentel Gomes
Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santa Maria Mochón
Ensino Médio Augustinho Brandão
Escola Municipal de Caimbongo, Ibitiara, Bahia
Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Campos Salles
Escola Municipal Professora Ivani Oliveira
Escola Municipal Santa Rita de Cássia
Ginásio Experimental Carioca Epiácio Pessoa
e respectivos funcionários, famílias e alunos.

Escola Classe 206 Sul
Escola Municipal Doutor Cícero Penna
Escola Municipal General Euclides de Oliveira Figueiredo

Secretarias estaduais de Educação:
Bahia, Distrito Federal, Piauí e Rio de Janeiro
e respectivos assessores de imprensa.

Secretarias municipais de Educação:
Foz do Iguaçu (PR), Ibitiara (BA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Sobral (CE)
e respectivos assessores de imprensa.

Este livro foi composto na fonte Magallanes Condensed
e impresso em junho de 2014.

É possível termos uma escola pública de qualidade no Brasil?

Na série **Educação.doc**, exibida no *Fantástico* e na *GloboNews*, os cineastas Luiz Bolognesi e Laís Bodanzky tentam responder a essa pergunta. Para isso, mergulharam no cotidiano de oito escolas públicas que conseguem oferecer um ensino com padrões de primeiro mundo, mesmo estando em áreas pobres.

Qual é a mágica? Quem responde são professores, alunos, diretores, secretários, funcionários e pais que fazem essas escolas. Seus depoimentos são complementados por reflexões de pensadores da Educação e artistas que estudaram no ensino público.

O resultado editado nos documentários aqui encartados e sintetizado neste livro apresenta um panorama de otimismo e esperança para quem aposta na escola como a principal instituição capaz de mudar o Brasil.

PRODUÇÃO



PATROCÍNIO



A série de documentários *Educação.doc* foi produzida com recursos operados ou geridos pela Agência Nacional de Cinema - ANCINE por meio do ART 1º A.

